

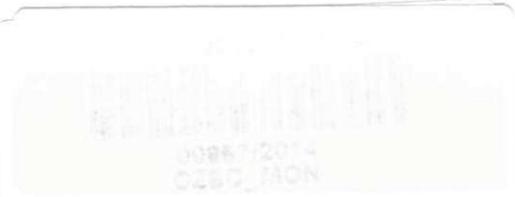


**UNIVERSIDADE FEDERAL DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
UNIDADE ACADÊMICA DE CIÊNCIAS SOCIAIS
CURSO DE HISTÓRIA**

**A ADMINISTRAÇÃO CHICO ROLIM: O IMPULSO PARA UMA
SOCIEDADE MODERNA (CAJAZEIRAS, 1964-1969)**

EFIGÊNIA TALITA DE SOUZA

**CAJAZEIRAS/PB
2014**



EFIGÊNIA TALITA DE SOUZA

**A ADMINISTRAÇÃO CHICO ROLIM: O IMPULSO PARA UMA
SOCIEDADE MODERNA (CAJAZEIRAS, 1964-1969)**

Monografia apresentada à Banca Examinadora do
Centro de Formação de Professores, da Universidade
Federal de Campina Grande, como exigência parcial
para a obtenção do grau de licenciada em História.

Orientador: Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto



**CAJAZEIRAS/PB
2014**



Dados Internacionais de Catalogação-na-Publicação - (CIP)
Denize Santos Saraiva Lourenço - Bibliotecária CRB/15-1096
Cajazeiras - Paraíba

S729a Souza, Efigênia Talita de

A administração Chico Rolim: o impulso para uma sociedade moderna (Cajazeiras, 1964-1969) / Efigênia Talita de Souza. Cajazeiras, 2014.

65f. : il.

Bibliografia.

Orientador: Francisco Firmino Sales Neto.
Monografia (Graduação) - UFPG/CFP

1. Administração municipal 2. Cajazeiras-administração-1964-1969 3. Rolim, Francisco Matias - administração municipal 4. Sociedade Moderna. I. Sales Neto, Francisco Firmino. II. Título.

UFPG/CFP/BS

CDU- 352/354

**A ADMINISTRAÇÃO CHICO ROLIM: O IMPULSO PARA UMA
SOCIEDADE MODERNA (CAJAZEIRAS, 1964-1969)**

EFIGÊNIA TALITA DE SOUZA

Orientador: Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto

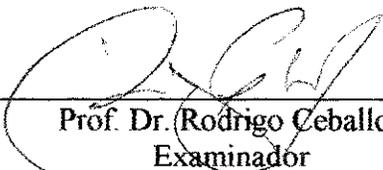
Monografia apresentada à Banca Examinadora do Centro de Formação de Professores, da Universidade Federal de Campina Grande, como exigência parcial para a obtenção do grau de Licenciada em História.

Aprovação em: 15 / 04 / 2014

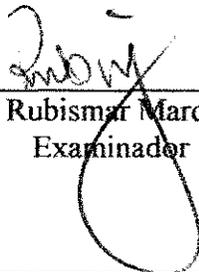
BANCA EXAMINADORA



Prof. Dr. Francisco Firmino Sales Neto
Orientador



Prof. Dr. Rodrigo Ceballos
Examinador



Prof. Esp. Rubismar Marques Galvão
Examinador

Prof. Dr. Osmar Luiz da Silva Filho
Suplente

**CAJAZEIRAS/PB
2014**

UNIVERSIDADE FEDERAL
DE CAMPINA GRANDE
CENTRO DE FORMAÇÃO DE PROFESSORES
BIBLIOTECA SETORIAL
CAJAZEIRAS - PARAÍBA

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, meu refúgio e fortaleza, por mais uma vitória alcançada, pela saúde e sabedoria que Ele me concedeu para a conclusão de mais uma etapa da minha vida, e por me inspirar a não desistir das minhas metas e dos meus sonhos.

Aos meus pais, Antônio e Tereza, que, em meio a tantas dificuldades que enfrentamos ao longo da vida, nunca deixaram de acreditar na educação como a chave para um futuro melhor, investindo em mim e nos meus irmãos para que trilássemos pelo caminho da verdade, integridade, dignidade e valor. Sou grata por todo amor e dedicação dispensados a mim, amo vocês.

Aos meus irmãos, Tereza, Marcos, Madalena e Míria, que sempre confiaram em mim, me apoiaram, me aconselharam quando precisei e mesmo que indiretamente me estimularam para que eu buscasse o melhor. Sei que em vocês posso confiar, pois são verdadeiros amigos.

Ao meu amado e dedicado esposo Dário Vinícius, que acompanhou todo o meu empenho durante o curso, que muitas vezes me viu chorar e que não mediu esforços para me ajudar durante a escrita do trabalho. Obrigada meu amor, essa conquista também é sua, pois assim prometemos dividir todos os momentos das nossas vidas.

Aos colegas de Faculdade, que tantas lutas enfrentamos juntos... Muitas amizades que construímos; muitas risadas que somamos; muita bagunça que fizemos; muito desespero nas provas; enfim, foi intenso cada momento. Cada um seguirá a sua vida. Talvez não voltemos a nos ver, mas levarei a lembrança de cada um de forma especial no meu coração! Sentirei saudades, obrigada pela maravilhosa convivência durante esses anos!

A todos os Professores que passaram pela turma 2007.2, deixo aqui os meus sinceros agradecimentos e o meu reconhecimento e respeito por cada um de vocês, pelos admiráveis profissionais que são, pois amam a docência acima de tudo.

Agradeço em especial ao meu orientador, Francisco Firmino Sales **Neto**, o meu muito obrigado pela paciência, compreensão, respeito e dedicação ao que faz. Tantas vezes me desesperei sem conseguir escrever e você pacientemente me disse que eu ia conseguir e que era apenas uma fase, que passaria. Obrigada principalmente por esses últimos meses, pois mesmo na fase final do seu doutorado, morando em outro lugar, ainda conseguia tempo pra

me atender sempre que eu precisava. Devo dizer que fico impressionada com tantos conhecimentos acumulados e claro, transmitidos, foi um aprendizado realizar esta pesquisa sob a sua orientação. Muitíssimo obrigada.

Agradeço também a Rodrigo Ceballos, que prontamente acolheu ao pedido de Neto em me co-orientar enquanto ele estava ausente. Mesmo com muitos orientandos e o tempo corrido, não me deixou faltar apoio. Deixo aqui o meu muito obrigado a este homem sábio e querido por todos.

Não poderia deixar de agradecer também ao professor Chagas Amaro grande conhecedor da história Cajazeirense, que me ajudou na pesquisa histórica local e com toda dedicação fez o possível para contribuir com a minha pesquisa. Ao professor Osmar Luiz, que abriu as portas da sua casa e dispôs de grande parte da bibliografia utilizada neste trabalho e ao professor Rubismar Galvão, que mesmo com o seu tempo limitado em virtude dos seus negócios, aceitou participar da banca como examinador.

A todos, muito obrigada!

A cidade é feita de sonhos e desejos. Sonhos e desejos que, um dia, se tornarão recordações, se incorporarão aos inúmeros labirintos da memória, revelarão as faces escuras do passado ou deixarão que elas permaneçam desconhecidas para sempre.

(Antonio Paulo Rezende, 1997)

RESUMO

O objetivo deste trabalho é investigar as transformações sofridas pelo espaço urbano da cidade de Cajazeiras, na Paraíba, durante a administração do prefeito Chico Rolim (1964-1969). Nosso intuito é problematizar sua gestão, tida como modernizadora, refletindo acerca das contribuições trazidas por seu governo para o processo de modernização do espaço urbano local. Para alcançar nosso objetivo, analisamos livros que tratam do início da modernização e urbanização das cidades nos séculos XIX e XX, livros sobre a história da cidade de Cajazeiras e uma biografia de Chico Rolim. Além disso, analisamos os Projetos de Lei e o Livro de Autógrafos da Câmara de Vereadores de Cajazeiras para examinarmos a atuação política do referido gestor (notadamente no que se refere às obras públicas) e, assim, verificarmos sua relação com o processo de modernização cajazeirense.

Palavras-chave: Cajazeiras; Chico Rolim; Cidade; Urbanização; Modernização.

ABSTRACT

The purpose of this study is to investigate the transformations undergone by the urban space of the town of Cajazeiras, Paraíba, during the administration of Mayor Chico Rolim (1964-1969). Our aim is to discuss his management, considered as a modernizing one, reflecting on the contributions brought by his government for the modernization of the local urban space. To achieve our goal, we have analyzed books that deal with the beginning of modernization and urbanization of cities in the 19th and 20th centuries, books about the history of Cajazeiras and a biography of Chico Rolim. Furthermore, we analyzed the Bills and the Book of Autographs of the City Council of Cajazeiras, intending to examine the political performance of the said manager (particularly regarding to public works) and thus verifying his relation to the process of modernization of Cajazeiras.

Keywords: Cajazeiras; Chico Rolim; City; Urbanization; Modernization.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	09
CAPÍTULO 1- O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO DAS CIDADES NA PASSAGEM DO SÉCULO XIX PARA O SÉCULO XX.....	15
1.1 PARIS.....	17
1.2 LONDRES.....	19
1.3 BRASIL.....	21
1.3.1 <i>Rio de Janeiro</i>	22
1.3.2 <i>São Paulo</i>	24
1.3.3 <i>Recife</i>	26
CAPÍTULO 2- CAJAZEIRAS E A CONSTRUÇÃO DO MODERNO POR MEIO DA POLÍTICA URBANA DE CHICO ROLIM.....	29
2.1 FORMAÇÃO HISTÓRICA DE CAJAZEIRAS.....	29
2.2 MEMÓRIAS DE UM POLÍTICO SERTANEJO.....	34
2.2.1 <i>A vida como política</i>	35
2.2.2 <i>A atuação política</i>	41
2.2.3 <i>As administrações em Cajazeiras</i>	45
CAPÍTULO 3- A AFIRMAÇÃO DO MODERNO NO GOVERNO CHICO ROLIM..	49
3.1- UMA CAJAZEIRAS MODERNA.....	50
3.2- O EMBELEZAMENTO DA CIDADE.....	55
3.3- AS MELHORIAS EDUCACIONAIS NA TERRA DE PADRE ROLIM.....	57
CONCLUSÃO.....	61
REFERÊNCIAS.....	64

INTRODUÇÃO

O presente trabalho monográfico procura compreender a urbanização da cidade de Cajazeiras, assim como o seu crescimento e modernização, a partir da década de 1960. Particularmente, concentro-me na primeira administração de Francisco Matias Rolim – mais conhecido como Chico Rolim – à frente da Prefeitura de Cajazeiras, entre 1964 e 1969.

O nosso estudo passou a ser desenvolvido a partir da necessidade de conhecer as particularidades históricas do lugar onde habito. São muitas as histórias que se contam sobre Cajazeiras, mas o acesso a tais informações se dá através de documentos ainda pouco (ou nada) consultados. Mesmo assim, ou talvez por isso mesmo, senti-me atraída a descobrir um pouco mais sobre a sociedade cajazeirense há 50 anos, investigando fatos novos ou dando sentido ao que ainda é lacunar. Além disso, tenho a curiosidade de entender o processo de modernização que mudou o cenário urbano da época por considerar que ele está intimamente ligado com a realidade que vivenciamos hoje em nossa cidade.

O crescimento das cidades na passagem do século XIX teve um significado importante para os que viviam naquele momento, pois implicava no chegar de um novo tempo, quando novos horizontes se abririam, de modo a proporcionar melhores condições de vida para todos.

Foi na Europa que o processo de modernização teve início. A cidade de Paris foi uma das primeiras a passar pelas transformações ocorridas no novo século. As ruas provincianas começaram a ganhar características citadinas. O comércio se estabilizou, as indústrias cresceram e as artes ganharam destaque, pois eram sinônimos do bom gosto. Ao passo que a urbanização transformava o ambiente parisiense num fluxo corrente de novidades, também trazia transtornos para outras partes da população, pois já não tendo espaço para se inserir nos novos círculos sociais nos quais estava dividida a sociedade, o proletariado foi obrigado a deixar a cidade e mudar-se para as áreas periféricas. Isso também ocorreu com as pessoas que vinham do campo, buscando o sonho da vida urbana, que não tinham condições de se estabelecer na cidade e se amontoavam nos arredores, proporcionando o crescimento dos subúrbios. Outro aspecto considerável foi o aumento da criminalidade, pois à medida que uma cidade crescia em termos de progresso e desenvolvimento, também aumentava a criminalidade e a marginalidade, em que de um lado, uns tinham tudo; do outro, outros não tinham nada.

Outra cidade europeia que também serviu de modelo para o mundo foi Londres que, já no final do século XIX, era vista como a metrópole do universo, embora marcada por acentuada divisão social que dividia a população em dois módulos: *West End*, onde viviam os ricos, e o *East End*, parte ocupada pela população pobre. Não havendo, portanto, camadas sociais intermediárias predominantes. Assim como Paris, em Londres também aconteceu o crescimento rápido dos subúrbios e da criminalidade, pois eram e ainda são características do desenvolvimento de qualquer cidade. O que mais diferenciava Londres de Paris, além da população muito maior, era a efervescência das atividades cotidianas, que eram frenéticas. As pessoas eram consumidas pelo progresso e precisavam acompanhá-lo para sobreviver na era da modernidade.

Esse período de grandes transformações não poderia deixar de chegar ao Brasil. E a partir do conhecimento das atuais cidades mais desenvolvidas do país, podemos ter uma idéia de onde essas mudanças tiveram início. As cidades de São Paulo e Rio de Janeiro foram as receptoras das primeiras novidades que chegavam do Velho Mundo. Depois foi Recife, e aos poucos esse frenético circular de urbanização e progresso foi alcançando outros centros.

Assim como as cidades europeias, as cidades brasileiras passaram por diversas modificações para que acompanhassem o clima moderno que havia tomado conta do Ocidente. O Rio de Janeiro passou por um processo de afrancesamento, pois se inspirou em Paris para fazer sua reforma urbana (que foi projetada por engenheiros e arquitetos). As ruas foram alargadas, prédios foram construídos e o sistema de saneamento básico foi reformado. Foi proibido o comércio ambulante de alimentos e a criação de porcos dentro da área urbana. Era também exigido que as pessoas tivessem cuidado com a pintura de suas fachadas, tudo para que a cidade estivesse sempre limpa e bela. Além disso, o sentimento de modernidade tomou conta da elite carioca, que se orgulhava da cidade e as pessoas verdadeiramente se sentiam como se estivessem na Europa por causa da modernização daquela cidade.

São Paulo, por outro lado, contava com a riqueza proporcionada pelo cultivo de café possibilitando sua modernização: calçamentos, parques, viadutos e altos edifícios. Automóveis, telefone e eletricidade. A verticalização era o maior sinônimo de urbanização, com o surgir dos arranha-céus. Tudo que era recém-lançado na Europa já se encontrava disponível nas vitrines da capital paulista. Outro fator que contribuiu para o crescimento da cidade foi a migração e a imigração, pois muitos brasileiros buscavam o “sul” para conquistarem melhorias de vida, assim como estrangeiros imigravam para trabalharem nas

plantações de café. O fluxo contínuo de São Paulo, mantendo-se as devidas proporções, pode ser comparado ao de Londres, onde a vida não parava e as pessoas estavam sempre indo e vindo. Atualmente São Paulo é a cidade mais populosa do Brasil, a maior metrópole brasileira, comportando na Avenida Paulista o coração financeiro do país. O processo de modernização daquela cidade também contagiava a população, unida em nome do progresso e do crescimento da metrópole.

Em Recife a modernização urbana sofreu maior resistência em aceitação, devido ao forte tradicionalismo existente na região. E muito embora não tenha deixado de acompanhar as demandas progressistas que corriam por todo o país, até hoje conserva traços e marcos históricos, o que comprova o forte apego às coisas antigas. A capital pernambucana destacou-se no cenário nacional como grande produtor de cana-de-açúcar, o que gerou bastante riqueza para a cidade, proporcionando a sua urbanização. O modernismo esteve presente durante o processo de modernização de Recife, novas idéias e novos conceitos pouco a pouco foram rompendo as barreiras tradicionalistas e culturais.

Como nas cidades europeias, as cidades brasileiras também sofreram os problemas gerados pela modernização. Os subúrbios cresciam desproporcionalmente, se apinhando de gente que vinha chegando e ficando. A violência, a criminalidade, a pobreza e o desemprego aumentaram. Porque, como já foi citado anteriormente, à medida que uma cidade cresce em aspectos positivos, ela tende a crescer também em aspectos negativos.

A urbanização que tomou conta dos grandes centros no início do século XX demorou a chegar às cidades interioranas. Particularmente em Cajazeiras, o processo de modernização ganhou força a partir da década de 1960. Durante a primeira gestão de Chico Rolim, entre 1964 e 1969, um novo traçado urbano foi elaborado e a cidade começou crescer e se desenvolver. Construção de prédios, alargamento de ruas, iluminação urbana, melhoramentos na educação e na saúde, ruas organizadas e padronizadas como nas grandes cidades, construção de praças, entre outras obras realizadas, vieram trazer um estilo moderno para a cidade de Cajazeiras.

A partir do processo de urbanização e modernização da cidade, o nosso trabalho tem o objetivo de promover uma visão sobre a modernização de Cajazeiras a partir do Governo Chico Rolim, analisando as transformações do espaço urbano e compreendendo como o governo contribuiu para essa modernização, especificamente entre os anos de 1964 a 1969.

Apresentamos Chico Rolim, o então prefeito municipal, como gestor moderno, analisando a sua contribuição para o processo de urbanização de Cajazeiras e para o seu desenvolvimento.

Como linha de pensamento, utilizamos a história urbana. Esta tem sido estudada por diversos historiadores que encontraram uma gama de opções para explorar. O autor Ronald Raminelli, por exemplo, procurou relacionar política e economia à cidade. Sobre isso, ele afirma:

A cidade constitui um aglomerado humano caracterizado por trocas comerciais regulares, capazes de prover o sustento de seus habitantes. As origens deste mercado podem ser as mais diversas. Muitas vezes o espaço urbano provém de uma concessão ou de uma promessa de proteção de um senhor ou de um príncipe. Contudo, preciso separar o conceito econômico do conceito político-administrativo de cidade. Pois, a cidade tem que se apresentar como associação autônoma em algum nível, como um aglomerado com instituições políticas e administrativas especiais (RAMINELLI, 1997, p. 187).

Esta análise enfatiza a participação da política no espaço urbano, assim como ocorre em nosso estudo que aborda as transformações urbanas como resultantes das intervenções políticas.

A realização do nosso estudo foi possível graças a uma lista de obras teóricas e metodológicas a que tivemos acesso. São clássicos da história urbana, como: Walter Benjamim (1986), Eugen Weber (1988), Maria Stella Bresciani (2007), Ronald Raminelli (1997), Antonio Paulo Rezende (1997), Nicolau Sevcenko (1992), entre outros. Essas obras nos ajudaram a compreender a história das cidades e de seus processos de modernização.

Marshall Berman (1982), em *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*, conceitua a modernidade como contraditória. Sobre isso, ele afirma que "Ser moderno é viver uma vida de paradoxo e contradição" (1982, p. 7). Berman nos dá elementos que assumem um papel de instabilidade, pois, ao mesmo tempo em que o homem moderno se sente seguro, ele não consegue exercer o controle sobre todas as novidades. Ele vive, portanto, uma aventura: a modernidade como uma aventura humana.

Para a análise da urbanização de Cajazeiras tivemos acesso aos Livros de Autógrafos da Câmara de Vereadores e aos Projetos de Lei aprovados entre 1964 e 1969. O autógrafo é a

aprovação do projeto de lei. O conteúdo do autógrafo é a reprodução da redação final do texto que fora aprovado. Neles, obtivemos um aparato de informações acerca dos projetos aprovados durante o governo de Chico Rolim. Isso nos ajudou na compreensão da história urbana local, especialmente no que se refere às iniciativas do referido gestor para empreender a urbanização em Cajazeiras.

Para uma melhor compreensão de nossas idéias, organizamos o estudo em três capítulos.

No primeiro capítulo, de título **O processo de urbanização das cidades na passagem do século XIX para o século XX**, analisamos as principais cidades que iniciaram o processo de urbanização mundialmente – Paris e Londres –, e também as cidades brasileiras que seguiram o mesmo modelo – Rio de Janeiro, São Paulo e Recife.

Tendo como cenário a modernização trazida pelo século XX, no segundo capítulo, que tem como título **Cajazeiras e a construção do moderno por meio da política urbana de Chico Rolim**, iremos abordar a história da fundação de Cajazeiras e sua modernização a partir do governo de Francisco Matias Rolim, popularmente conhecido por Chico Rolim. Com sua visão modernizadora, ele trouxe inúmeros benefícios para a cidade, desde pavimentação de ruas, construção de prédios, aquisição de telefone e energia elétrica, novas indústrias trazidas para o mercado da pequena cidade, entre outros trabalhos prestados. Como veremos, o referido gestor contribuiu de forma significativa para o progresso de Cajazeiras, que hoje é uma das mais importantes cidades do sertão paraibano, polarizando diversas cidades circunvizinhas.

No terceiro e último capítulo, intitulado **A afirmação do moderno no governo de Chico Rolim**, analisaremos os Projetos de Lei e o Livro de Autógrafos da Câmara Municipal, verificando as práticas realizadas durante tal governo que contribuíram para a modernização do espaço urbano cajazeirense. O remodelamento da cidade, o melhoramento na infraestrutura, a aquisição de tecnologias, educação, saúde e o embelezamento da cidade foram fatores determinantes para a construção de cidade bonita e moderna.

Considerando os benefícios que a modernização urbana trouxe para o mundo, bem como suas mazelas, com um foco especial para a cidade de Cajazeiras, na Paraíba, adentramos neste trabalho. Ressaltando a imagem da sociedade no final do século XIX e início do século XX, podemos traçar o perfil social daquela época e dos dias atuais, e entender

o que levou as pessoas a acompanharem o progresso ou resistirem a ele. Do mesmo modo, podemos entender como estas novidades urbanas puderam alcançar a então pequena cidade paraibana nos anos de 1960.

CAPÍTULO 1

O PROCESSO DE URBANIZAÇÃO DAS CIDADES NA PASSAGEM DO SÉCULO XIX PARA O SÉCULO XX

A cidade é, por excelência, um lugar onde a história se faz e, com isso, as transformações, as perdas e as memórias da urbe são mais do que nunca, matéria e objeto da história hoje. Sendo esta história de cidades reais, concretas, consumidas e usadas no dia-a-dia, ou de cidades imaginárias, a mostrar que o urbano é bem a obra máxima do homem que para portar um ethos urbano, ser cidadão implicou em formas sempre renovadas ao longo do tempo (PESAVENTO, 2007).

As experiências do homem no espaço urbano ao longo do tempo foram construídas a partir de uma dialética entre o real e o imaginário, entre a materialidade e os sonhos. A cidade se movimenta, cresce e, ao mesmo tempo, promove a história a partir de cada indivíduo que compõe o seu coletivo. Nesta perspectiva, apresentaremos a cidade de Cajazeiras, na Paraíba, como um lugar de histórias construídas a partir de memórias, patrimônios, culturas e transformações urbanas. Uma cidade que vive e se renova coletivamente.

A história das cidades pode ser analisada por vários vieses, entre eles a urbanização, a cultura e a história material. Podemos também comparar a inserção de uma vida urbana no capitalismo moderno, este consiste num sistema econômico que surgiu em meados do século XVIII e início do século XIX, quando a produção e o consumo se tornaram de extrema importância, tal como vivenciamos hoje. O espaço urbano tornou-se relevante para o desenvolvimento do ser humano.

No que se refere à urbanização Ronald Raminelli coloca: “O crescimento e proliferação de cidades marcaram profundamente a história europeia do século XIX... O caos urbano, favorecido pela Revolução Industrial, incentivou as primeiras tentativas de planejamento urbano e de construção de uma cidade ideal” (RAMINELLI, 1997, p.185).

O século XIX acompanhou o início de tais transformações, principalmente nos países da Europa. Os demais continentes esperaram um pouco mais para receberem o impulso moderno. E o século XX chegou para acompanhar essas grandes mudanças:

(...) o público moderno do século XIX ainda se lembra do que é viver, material e espiritualmente, em um mundo que não chega a ser moderno por inteiro. É dessa profunda dicotomia, dessa sensação de viver em dois mundos simultaneamente, que emerge e se desdobra a idéia de modernismo e modernização. No século XX, o processo de modernização se expande a ponto de abarcar virtualmente o mundo todo (...) (BERMAN, 1982, p.11).

Essa noção de modernização é bastante difundida na obra de Marshall Berman (1982), *"Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade"*. Para conceituar a modernização, ele parte das concepções marxistas da moderna sociedade burguesa para fundamentar o seu pensamento: "Todos são movidos ao mesmo tempo pelo desejo de mudança, de autotransformação e de transformação do mundo ao redor" (BERMAN, 1982, p.13).

Marcado por grandes acontecimentos, a passagem do século XIX para o século XX trouxe grandes mudanças para o mundo, especialmente para o crescimento urbano. Sobre isso, em *Uma breve história do século XX*, Geoffrey Blainey (2008) afirma:

O nascer do século 20 foi tal qual uma aurora resplandecente. Esperava-se mais desse período do que jamais se havia esperado de outros. Tanto havia sido conquistado no século anterior, que parecia sensato acreditar que dali em diante os êxitos do mundo em muito superariam os desastres... O século se iniciava de modo promissor e, ao mesmo tempo, perigoso. A aurora de 1901 se anunciava de maneira reluzente, mas nuvens negras lentamente ameaçavam ofuscar a luz (BLAINEY, 2008, p.12).

Nas palavras de Blainey (2008), percebemos o quanto a chegada do século XX foi desejada pelos homens, pois acreditavam que ele abriria novos horizontes para o mundo e superaria os séculos anteriores. Mas, ao mesmo tempo, percebemos que pairava nos seus pensamentos o temor do que estava por vir. Entretanto, eles não imaginavam que a instabilidade dos pensamentos ameaçadores realmente tinha sentido e que a nova era desencadearia uma série de movimentos que ganharam proporções mundiais.

Os âmbitos cultural, social e econômico, todos foram afetados pelas mudanças trazidas pelo novo século. Porém, foi no campo político que este ganhou notoriedade, já que o novo

século foi palco das duas Grandes Guerras Mundiais, causando grande efervescência em todo o mundo. Um rastro de guerra e destruição foi deixado como marco na história mundial.

Nesse contexto de mudanças, as cidades também passaram por grandes transformações. A onda urbanizadora se tornou cada vez mais difundida e se propagou pelo mundo levando o que havia de mais moderno para os cenários urbanos.

1.1 PARIS

A modernização urbanística teve como precursora a cidade de Paris, que se tornou um modelo urbano para muitas cidades de todo o mundo, inclusive as brasileiras. Londres e Viena também foram grandes modelos a serem seguidos.

A obra *Hausmann ou as barricadas* escrita por Walter Benjamin, descreve a cidade de Paris no século XIX como um processo de reformas e mudanças. Naquele século, houve um grande impulso de modernização na cidade de Paris. O comércio se estabeleceu de forma sólida; as artes serviram como atrativo para a cidade; inovações com a chegada de novas indústrias e também as construções metálicas que trouxeram renovações arquitetônicas como, por exemplo, a Torre Eiffel. As construções urbanas eram favorecidas por capital financeiro público e pela eficiência de Hausmann¹. Este exerceu uma ditadura em Paris que, de um lado, viu grandes empreendimentos e, do outro, acarretou um aumento de despesas do proletariado que os levou cada vez mais para os subúrbios.

Neste contexto, a sociedade pobre parisiense vivia em um verdadeiro caos, pois a decadência e a libertinagem eram evidentes. Segundo Weber (1988), "As cidades e seus subúrbios estavam crescendo, e a criminalidade parecia crescer com eles [...] A pobreza e o crime estão certamente relacionados [...]" (WEBER, 1988, pp. 55-56). O alcoolismo, o fumo, as drogas alucinógenas, a violência, a criminalidade, todos esses fatores tiveram um aumento

¹ Georges- Eugène Hausmann (Viena, 12 de julho de 1886 - Limoges, 1 de fevereiro de 1971), nomeado prefeito do departamento do Sena por Napoleão III, em 1853, tornou-se o maior modernizador urbano que se conheceu até agora no Ocidente imprimindo seu nome para sempre numa das mais belas cidades do mundo. Disponível em: <<http://noticias.terra.com.br/educacao/historia/a-paris-de-hausmann-o-artista-da-destruicao,21083ba2262ea310VgnCLD200000bbcecb0aRCRD.html>>. Acesso em: 28 fev. 2014

significativo no final do século XIX, e estavam intimamente ligados à condição social dessa população pobre.

O ar provinciano aos poucos foi dando lugar à metrópole tão sonhada por muitos. Os camponeses começaram a deixar o campo e ir à procura de melhores condições de vida na cidade. Mas essas ainda não estavam preparadas pra receber um elevado número de pessoas, que, de repente, aglomeravam-se nos subúrbios, pois não havia onde ficar: "O contraste entre metrópole e províncias, que os ingleses por muito tempo chamaram de 'o campo', não era novo e não estava limitado à França. Mas em nenhuma outra parte era tão agudo, nem sentido com tanta intensidade, quanto na França" (WEBER, 1988, p. 70).

Alguns aspectos da modernidade causavam apreensão aos cidadãos. Os problemas sociais eram fragmentados em diversas áreas e os pobres eram os mais afetados, pois as facilidades para essa classe eram escassas. A falta de água foi um grande problema para a França, principalmente para Paris, que não parava de crescer. Segundo Weber,

O problema da água preocupava todo o conselho municipal, qualquer que fosse a sua cor. Quanto mais rapidamente uma cidade crescia, maiores eram as suas provações. O abastecimento em Nice e Marselha estava sempre aquém das necessidades de seus habitantes. Saint-Etienne só conseguiu um fornecimento estável em 1949. No século XX, metade das casas de Angers já pagava pelo serviço de água, mas este não se estendia aos subúrbios, que como outras comunidades vizinhas, só o receberam depois da Segunda Guerra Mundial (WEBER, 1988, p. 75).

A água em abundância era recurso para os ricos. A população carente se contentava com o pouco que restava. A higiene pessoal quase não existia. O hábito de se lavar ou se banhar não podia ser cultivado. As roupas brancas e limpas, por muito tempo, eram artigos de luxo das classes médias. Havia rios que cortavam as cidades, mas a maioria deles estavam impossibilitados de uso já que eram poluídos. O Sena, famoso rio parisiense, era um deles, mas teve um papel diferenciado dos demais porque contribuiu para o embelezamento da cidade.

Ainda segundo Weber (1988), outro fator social preocupante era a saúde. Não existiam medidas sanitárias para prevenção de certas doenças que eram taxadas como de origem pobre:

a tuberculose, a febre tifóide, a cólera e outras que vitimaram milhões de pessoas em suas epidemias.

A cidade de Paris precisava de uma reforma, não só física, mas também social. E foi isso que o fim do século XIX trouxe para o século XX, uma Paris prática e ao mesmo tempo fantástica: "O século XIX foi à era da vitória sobre a escuridão; mas muitos centros urbanos menores só tiveram acesso à luz melhor que a primitiva no *fin de siècle* ou mais tarde" (WEBER, 1988, p. 72).

De acordo com Weber (1988), o ritmo do progresso ganhou então grandes proporções e o espaço urbano foi sendo transformado e recebendo novidades. A iluminação era um elemento importante do qual Paris necessitava, principalmente porque o ritmo de trabalho até então era de acordo com a luz do dia. Sobre isso, ele afirma: "Por volta de 1900, Paris vangloriava-se de ter quase 350 mil lâmpadas elétricas (...)" (WEBER, 1988p. 93). A idéia de hora também é importante para uma cidade. E os franceses não tinham noção de hora, apenas distinguiam dia e noite. A partir da instalação das ferrovias, os relógios ganharam maior precisão.

De acordo com Weber, a modernização dos trilhos do trem inovou o transporte urbano na Europa, baixando o custo nos preços das passagens e aumentando a procura por parte da população. O novo modo de vida começou a ganhar aceitação: "O triunfo dos trens e sua aceitação geral significou que as inovações tecnológicas, antes consideradas brinquedos ou incômodos, passavam a ser reconhecidas como poderosas alavancas para manipular tanto o mundo físico como a própria vida" (WEBER, 1988, p. 91). O telefone e o telégrafo também tiveram uma lenta aceitação por parte da sociedade, mas aos poucos a população entendeu os benefícios trazidos por essas inovações e foram se adaptando elas.

Weber (1988) afirma que o crescimento de Paris não está ligado somente a urbanização, pois a cidade vivia um período de ascensão em todas as áreas. Com o embelezamento urbano, crescia também o turismo, as diferenças de gêneros, as religiões, os avanços científicos tecnológicos e também as classes sociais, pois a cidade não era - nem podia ser - perfeita.

1.2 LONDRES

Assim como Paris, Londres também foi um modelo de cidade a ser seguido. A grandiosidade britânica no final do século XIX era difundida pelo mundo e os outros países consideravam-na metrópole do universo.

Em *Londres, 1851-1901: a era vitoriana ou o triunfo das desigualdades*, Monica Charlot e Roland Marx (1993) fazem menção a esta grandeza e aos danos que ela trouxe:

A capital, cidade gigante da Europa já na aurora do século XX, constitui então uma megalópole, avançando em todas as direções, graças a um desenvolvimento dos transportes que rasga os velhos bairros e favorece o adensamento do espaço municipal e o nascimento dos grandes subúrbios-dormitórios; a população dobra em trinta anos e triplica durante o período. A cidade cresce sem nenhum plano de conjunto, sem que exista sequer uma autoridade municipal única (CHARLOT; MARX, 1993, p. 13).

Apesar da cidade de Londres ser considerada uma grande metrópole moderna, podemos perceber uma sociedade dual, dividida entre a grandeza e os problemas sociais, o modernismo urbano e os vestígios tradicionais do ruralismo. Como em Paris, houve uma explosão demográfica e os subúrbios cresceram vorazmente. A falta de controle por parte do Estado agravava o problema.

A vida social londrina era dividida em dois mundos distintos, conhecidos como *West End* e *East End*. O primeiro abrangia os silenciosos bairros nobres e o segundo os ruidosos bairros populares onde morava a maioria das pessoas. Este contraste entre riquezas e miséria nos revela uma sociedade desigual que busca incessantemente por demarcar espaços: "Subúrbios entre cidade e campo, *East End* exuberante e ensurdecedor, *West End* apinhado e ávido de uma calma e de uma limpeza que se tornaram um luxo sem dúvida alguma, os ruídos de Londres, afinal, diferenciam mais do que unem os habitantes da capital, ao raiar do século XX" (CHARLOT; MARX, 1993, p. 58).

A cidade se desenvolveu de modo rápido, com um programa de demolição e construção permanente e com a ferrovia revelando a sua força. O modelo moderno estava expresso na estética urbana que, segundo Charlot e Marx (1993), "No fim do século, uma

onda de opulência e extravagâncias neobarrocas, como se fora uma espécie de versão anglicizada da *Belle Époque*, varreu a cidade" (CHARLOT; MARX, 1993, p. 100). Semelhantemente a Paris, Londres também contava com um rio de grande relevância: o Tâmsa. Porém, este se tornou um rio lúgubre e industrial para o qual a cidade voltara as costas, enquanto o Sena parisiense era amado e integrado à vida cotidiana.

Durante o fim do século XIX e ao raiar do século XX, Londres crescera também em outras áreas. O teatro se fortaleceu e ganhou grandes atores; no campo religioso os cristãos pregavam energicamente a salvação; o setor financeiro se consolidou de forma expressiva, a Idade de Ouro da imprensa escrita e a literatura tornavam-se singular pela sua diversidade.

Charlot e Marx em seu texto expressam as diferenças entre Londres e Paris. O trecho a seguir deixa claro tais divergências: "Em lugar algum [a não ser em Londres], jamais observei semelhante efervescência de atividades febris, tal multidão de gente de todas as classes e aparências, com um ar de tanta determinação. Paris, por contraste, com seus bulevares, me faz pensar em férias..." (CHARLOT; MARX, 1993, p. 129). De acordo com os autores, percebemos que Londres era bem mais frenética do que Paris, talvez pela sua industrialização mais avançada, enquanto Paris era um importante símbolo de beleza para o mundo, e com a modernização dessas duas cidades, houve uma grande difusão pelo mundo da urbanização moderna.

A modernização pode assumir diferentes visões e também tocar a percepção humana de maneira diferenciada. Ou seja, ela nunca será igual em todos os lugares, como podemos perceber na Londres voltada para o trabalho e na Paris voltada para o lazer.

1.3 BRASIL

Enquanto isso, na chegada do século XX, o Brasil atravessava uma etapa de recuperação econômica baseada no modelo agrário. Esta economia era sustentada pela exportação do café, borracha, algodão e cacau. A população brasileira da época, em sua maioria, vivia no campo.

Em pouco tempo, a urbanização se expandiu e o país procurou deixar para trás o seu passado agrário e colonial, desenvolvendo uma política remodeladora. Entretanto, as mudanças trouxeram diversos modos de recepção desse progresso:

O saudosismo, concretizado através do “mito do campo”, constituía, pois, uma reação ao “novo mundo” marcado pelo progresso avassalador. A defesa da era agrária erguia-se clamorosa, fazendo do passado um “paraíso perdido” e enxergando no futuro nuvens ameaçadoras, levando a não-aceitação das idéias e costumes tidos como modernos (FIORENTINO, 1979, p. 19).

Essa posição era comum e muitos a adotaram, pois acreditavam que para receber os benefícios da modernidade teriam que fazer muitos sacrifícios e concessões. E se analisarmos, em alguns pontos eles tinham razão, pois em nome desta modernidade, que de certa forma foi imposta em todo o mundo, a sociedade de baixa renda pagou um preço alto: miséria, violência, desemprego, desigualdade e todas as mazelas sociais que uma população pode ter.

A partir dos anos 1930, a urbanização ganhou mais força e já tomava as grandes capitais brasileiras, decorrente da industrialização e das migrações rurais para áreas urbanas. Até 1950 já havia se alastrado por todo o país. E onde não havia chegado com intensidade, já apresentavam reflexos de uma nova sociedade que estava por vir.

1.3.1 RIO DE JANEIRO

O Rio de Janeiro foi uma das primeiras cidades brasileiras a conhecer o progresso urbano e vivenciar o conflito entre a população carente e o Governo que impôs a reforma no centro da cidade. O projeto modernizador tinha a intenção de transformar o centro da cidade em um espaço respeitoso, limpo e belo, onde a elite pudesse transitar sem correr riscos de contaminação de doenças contagiosas ou de eventuais incômodos com a presença dos pobres.

Assim como em Paris e Londres, as cidades brasileiras também enfrentaram os problemas trazidos pela modernização imposta pela elite. O embelezamento da cidade era o

alvo e a população pobre sofreu as consequências por este feito. No caso do Rio de Janeiro, a cidade velha que abrigava a classe proletária foi demolida, assim como outros bairros operários.

Segundo Jeffrey D. Needell (1993), o século XX trouxe consigo a esperança de uma verdadeira reforma urbana no Rio de Janeiro. Após um século de reformas parciais, Paris tornou-se inspiração para a capital brasileira e o afrancesamento do Rio de Janeiro deu início a um período crucial para o Brasil: a *Belle Époque* brasileira.

Durante a *Belle Époque* brasileira, a modernização urbana alcançou o seu apogeu. O planejamento da cidade foi feito por engenheiros, arquitetos e colaboradores que foram patentemente influenciados pelas obras de Haussmann em Paris. Grandes nomes sempre serão lembrados e associados a essa época é o caso de Pereira Passos², responsável pelos aspectos urbanistas; e Oswaldo Cruz³, responsável por erradicar a peste bubônica, a febre amarela e a varíola da cidade. Certamente muitos contribuíram nesse grande projeto, mas sob a liderança desses dois nomes. Dois edifícios são exemplares e bem retratam a *Belle Époque* carioca, a Biblioteca Nacional e o Teatro Municipal (NEEDELL, 1993).

De acordo com Needell (1993), o Rio de Janeiro enfrentou diversos problemas urbanos: o seu sistema de abastecimento de água e a rede de esgotamento eram precários; o porto tinha péssima reputação; predominava em meio a população o temor do morticínio periódico causado pela febre amarela; as ruas eram sujas e o lixo exalava um mau cheiro constante; além do crescimento exacerbado das favelas, que se misturavam a parte nobre da cidade.

Mas as reformas no centro da cidade deram um novo traçado para os problemas existentes. Ruas foram alargadas, velhos edifícios foram demolidos, novas ruas foram abertas, pavimentadas e asfaltadas; foram construídos o túnel do Leme e a Avenida Atlântica, além da

² Francisco Pereira Passos (Piraí, 29 de agosto de 1836 - 12 de março de 1913) foi um engenheiro brasileiro e prefeito da cidade do Rio de Janeiro entre 1902 e 1906, nomeado pelo presidente Rodrigues Alves. Promoveu uma grande reforma urbanística na cidade, com o objetivo de transformá-la numa capital nos moldes franceses. Disponível em: <<http://www.monumentosdorio.com.br/br/esculturas/013/avenida/022.htm>>. Acesso em: 07 mar. 2014.

³ Oswaldo Gonçalves Cruz, (São Luiz do Paraitinga, 5 de agosto de 1872 - Petrópolis, 11 de fevereiro de 1917), foi cientista, médico, bacteriologista, epidemiologista e sanitarista brasileiro. Foi nomeado diretor geral de Saúde Pública, coordenou campanhas contra doenças contagiosas, organizou e limpou higienicamente o centro do Rio de Janeiro. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/biografias/oswaldo-cruz/>>. Acesso em: 07 mar. 2014.

reforma no sistema de saneamento básico, embelezamento de praças e uma série de medidas foram colocadas em prática para o melhor funcionamento da cidade, principalmente do centro. Essas medidas consistiam na proibição do comércio ambulante de alimentos, na criação de porcos dentro dos limites urbanos, na falta de cuidado com a pintura das fachadas e outros costumes agora considerados abomináveis (NEEDELL, 1993).

A Avenida Central é a melhor representação da *Belle Époque* carioca, um imenso bulevar cortando as construções coloniais da cidade velha. Segundo Needell, sua importância passou a ser imensa e simbólica e o empreendimento foi considerado miraculoso tanto pela sua rapidez quanto pela comoção pública que causou, pois na mudança, a elite celebrava não só o que era feito, mas também o que era desfeito.

Sobre a Avenida Central Needell afirma: "A avenida era peça central das reformas cariocas e, como tal, representava as aspirações de progresso e civilização do país" (NEEDELL, 1993, p. 65). Percebemos que a avenida era tida como forma de progresso e que as pessoas se orgulhavam pela mesma. Os cariocas passaram a sentir orgulho do que tinham, e o sentimento de modernidade tomou conta do Rio de Janeiro. O fascínio do novo e do moderno gerou um novo estilo de vida baseado nos modelos europeus e apontava um distanciamento do passado, marcando o início de uma nova história para a cidade carioca.

As reformas urbanas do Rio de Janeiro no início do século serviram como base para as outras cidades brasileiras que continuaram o processo de modernização. É o caso de São Paulo e Recife que seguiram a linha da urbanização moderna tornando o Brasil um reflexo do modelo de modernização europeu.

1.3.2 SÃO PAULO

O século XX, em suas manifestações econômicas, culturais e artísticas, passou a ser sinônimo de progresso para São Paulo. A riqueza advinda com o café modernizou a capital. Trens, bondes, eletricidade, telefone, automóvel, velocidade: a cidade cresceu e recebeu

muitos melhoramentos urbanos como calçamento, praças, viadutos, parques e os primeiros arranha-céus.⁴

O centro comercial com seus escritórios e lojas sofisticadas exibiam em suas vitrines a moda recém lançada na Europa. Sinais telegráficos traziam notícias do mundo e repercutiam na desenvolta imprensa local. Em 1911, a cidade ganhou seu Teatro Municipal, obra do arquiteto Ramos de Azevedo, celebrizado como sede de espetáculos operísticos, tidos como entretenimento elegante da elite paulistana.⁵

A cidade de São Paulo figura hoje como a maior metrópole do Brasil, tendo o maior número de habitantes e comporta o setor financeiro de maior importância para o país: a Avenida Paulista, também conhecida como “coração financeiro do Brasil”. O ritmo frenético de São Paulo é assustador e ao mesmo tempo interessante. Dia ou noite, não para. Mas nem sempre foi assim. Vários fatores contribuíram para o crescimento exacerbado e para a modernização desta grande cidade. Outro fator importante no crescimento da economia paulista foi um processo de migração e imigração: homens e mulheres saíram rumo a São Paulo para trabalhar inicialmente nos cafezais e, posteriormente, nas indústrias, que tiveram grande crescimento no século passado.

Nicolau Sevcenko, em *“Orfeu extático na Metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20”* aborda a história da cidade de São Paulo nos anos 1920. Sobre a identidade da cidade ele afirma:

Afinal, São Paulo não era uma cidade nem de negros, nem de brancos e nem de mestiços; nem de estrangeiros e nem de brasileiros; nem americana, nem europeia, nem nativa; nem era industrial, apesar do volume crescente das fábricas, nem era tropical, nem subtropical; não era inda moderna, mas já não tinha mais passado (SEVCENKO, 1992, p. 31).

Podemos afirmar, então, que São Paulo era um tanto enigmática e inexplicável, uma vez que nem os próprios habitantes sabiam explicar tamanha diversidade. Eles apenas lutavam

⁴ História da Urbanização de São Paulo.

Disponível em: <http://www.colband.com.br/ativ/nete/cida/jovem_metropole_1bim05/matematica/g1/>. Acesso em: 17 jul. 2013.

⁵ Idem.

para se manter e não serem devorados pelo novo sistema dominado pela tecnologia que vinha tomando a posição dos homens de uma cultura secular.

A modernização que chegou a São Paulo a partir dos anos 1920 já podia ser notada em diversos aspectos. A verticalidade monumental se tornou o principal signo da metropolização. O asfaltamento da Avenida Paulista foi bem recebido pelos proprietários de carros, artigo que a partir de então, passou a ser símbolo de ostentação e de luxo, pois poucos os possuíam. Os aviões que começaram a surgir na cidade também causaram deslumbramento e muitos os adquiriram. A metrópole se modernizou também culturalmente, o cinema, o teatro, a música, a dança, e porque não dizer, também o esporte com a chegada do futebol no país (SEVCENKO, 1992).

Assim como outras cidades, tanto brasileiras como de outros países, São Paulo pagou o preço da modernidade e os problemas sociais também começaram a surgir: o crescimento dos subúrbios causado pela explosão demográfica decorrente da imigração; e a falta de emprego para muitos. Tudo isso acarretou a uma série de problemas sociais, tais como a proliferação de doenças, o alcoolismo e a violência.

A cidade de São Paulo nos remete à sensação de modernização, pois com o seu ritmo intenso ela construiu um determinado processo de desenvolvimento social cujas características principais seriam os avanços tecnológicos, a urbanização, a explosão demográfica, a industrialização, e a aquisição material que contribuiu para o seu crescimento exacerbado. Esse sentimento de modernização da cidade tomou conta de quem lá vivia. De certa forma, foi o trabalho que construiu a cidade paulista, tornando a maior cidade do Brasil e uma das maiores do mundo.

1.3.3 RECIFE

Outro cenário da modernização no século XX, precisamente nos anos 20, foi a cidade de Recife, capital pernambucana. Marcada por forte tensão entre o moderno e o tradicional, Recife enfrentou diversos contrapontos com a modernização urbana. Principalmente por casa

do discurso regionalista, que era muito forte, e do medo das transformações que pairava sobre o saudosismo de um Recife velho e tradicional.

Para Antonio Paulo Rezende (1997), a discussão entre o moderno e o tradicional na cidade de Recife é complexa, pois, apesar de tantas mudanças, a cidade guardou as inscrições de outros tempos. A força da tradição e das dificuldades econômicas impediu que a modernidade tivesse o mesmo êxito e velocidade que as capitais europeias. Mas apesar das reações adversas, o progresso urbano se instalou na cidade invadindo o cotidiano e trazendo hábitos modernos.

Recife se destacou no Nordeste por sua riqueza gerada pelos canaviais. O seu produto de maior valor era o açúcar. O crescimento demográfico resultante do êxodo rural para o trabalho nas usinas também ajudaram no seu desenvolvimento capitalista.

Sobre os projetos de modernização urbana que deram nova roupagem a Recife, Rezende (1997) destaca:

Na parte das obras públicas, salientava a adoção de um moderno sistema de construção de pontes de cimento armado, além da ampliação da quantidade de estradas carroçáveis. A preocupação com a higiene dos prédios, com o aumento da rede de iluminação elétrica, a criação das repartições do saneamento, sob a orientação do famoso engenheiro Saturnino de Brito, a preocupação com o número insuficiente de escolas [...] (REZENDE, 1997, p. 38).

Ainda sobre as melhorias na cidade, os portos foram reconstruídos, prédios verticais foram erguidos e foi elaborado um projeto urbanístico em Boa Viagem. Este projeto trouxe beleza para a metrópole e hoje é um dos cartões postais de Recife. O ritmo de vida também mudou. As pessoas passaram a ter pressa, pois o novo sistema consumiu o tempo. O automóvel, o bonde elétrico, melhores estruturas nas avenidas, novas ruas ditaram o vai e vem do cotidiano urbano.

Recife não divergiu das demais cidades que apresentamos aqui. Todas passaram por um processo de modificações e reformas no seio urbano e também enfrentaram o

CAPÍTULO 2

CAJAZEIRAS E A CONSTRUÇÃO DO MODERNO POR MEIO DA POLÍTICA URBANA DE CHICO ROLIM

Eram tempos de transição. O atraso era abandonado e substituído pelas inovações do progresso. Até mesmo as idéias e os conceitos (COSTA, 1986).

Neste segundo capítulo, tencionamos nos aprofundar na história da fundação de Cajazeiras - cuja povoação se iniciou nos primeiros decênios do século XIX - e do seu desenvolvimento, ocorrido na gestão de Francisco Matias Rolim, conhecido popularmente como Chico Rolim, entre 1964 e 1969.

No primeiro momento apresentaremos a história da cidade de Cajazeiras desde a sua formação até meados do século XX. Posteriormente, apresentaremos a história de Chico Rolim, a sua vida, a sua trajetória política e as suas administrações como prefeito desta cidade.

Pretendemos conhecer e entender as modificações espaciais urbanas e as novas formas de sociabilidade acarretadas pelas mudanças advindas com o "novo" na cidade de Cajazeiras, a partir da administração de Chico Rolim, analisando a sua contribuição para o desenvolvimento do município.

2.1 FORMAÇÃO HISTÓRICA DE CAJAZEIRAS

Recentemente, a cidade de Cajazeiras comemorou o seu 150º aniversário de emancipação política, em relação ao desmembramento da cidade de Sousa. A comemorações aconteceram em todo o ano de 2013, mas a festa foi realizada em 22 de agosto de 2013.

A etimologia de seu nome vem da grande quantidade de árvores com o mesmo nome que aqui existiam. Por esta razão, Vital de Sousa Rolim deu o nome Cajazeiras ao núcleo populacional em formação.

Segundo Heliodoro Pires (1991), no livro *Padre Mestre Inácio Rolim*, em 07 de fevereiro de 1767 a porção de terra da região passou a ser parte de uma sesmaria⁶ concedida pelo governador da capitania da Paraíba, Jerônimo José de Melo, ao pernambucano Luís Gomes de Albuquerque. Este doou como presente de casamento o sítio Cajazeiras para a sua filha Ana Francisca de Albuquerque, que se casara com Vital de Souza Rolim, um colono cearense, no ano de 1796.

Ana Francisca de Albuquerque, popularmente conhecida como “Mãe Aninha”, e Vital logo transformaram o presente de casamento em uma fazenda: inicialmente com uma casinha e currais, posteriormente uma pequena capela também foi construída no local. Vieram também os filhos. Um desses filhos, em especial, teve grande relevância histórica na formação de Cajazeiras: Inácio de Sousa Rolim, o Padre Rolim, nascido em 22 de agosto de 1800. Sobre a vida do Padre Rolim, Pires afirma: "Em meados de 1822, Padre Rolim obteve a sua formação no seminário do Crato-CE, onde estudou durante o período de quatro a cinco anos, prosseguindo seus estudos no Seminário de Olinda-PE, onde obteve sua formação para o sacerdócio em 1825" (PIRES, 1991, p. 77).

No ano de 1829, ao retornar para a fazenda de seus pais, encontrou uma capela construída por sua mãe. No entanto, Padre Rolim tomou a iniciativa pioneira na cronologia dos estabelecimentos de ensino no sertão, providenciando a abertura de uma escola na fazenda de seus pais. Em torno da escola e da igreja foi se formando o povoado, com grande crescimento. A fazenda das Cajazeiras, de um simples povoado, foi ganhando maiores proporções e em 29 de agosto de 1859 passou a ser Distrito da comarca de Sousa. Em 23 de novembro de 1863 a lei provincial nº 92 elevou o distrito à categoria de Vila e o desmembrou de Sousa. Apenas em 10 de julho de 1876 passou à condição de cidade.

Como já é tradição, o aniversário da cidade é comemorado a partir do ano do desmembramento de Sousa e no dia 22 de agosto, porque é o dia que se comemora o

⁶ Iniciadas e incluídas a partir do capitão-donatário de uma capitania, as sesmarias eram lotes de terra, que eram doadas a um sesmeiro com o intuito de principalmente tornar a terra produtiva. Disponível em: <<http://www.historiabrasileira.com/brasil-colonia/sesmarias/>>. Acesso em: 27 fev. 2014.

aniversário natalício do Padre Rolim. No ano de 2013, os 150 anos da cidade foram comemorados com grande festa por toda a população cajazeirense. Recentemente, alguns historiadores da cidade solicitaram a criação de um Projeto de Lei que, se aprovado, mudará a data do aniversário da cidade, deixando de ser comemorado na data em que Padre Rolim nasceu, no caso 22 de agosto, e será comemorado em 23 de novembro, data em que Cajazeiras foi desmembrada de Sousa.

Segundo Pires (1991), Cajazeiras cresceu com a ajuda do colégio criado pelo Padre Rolim: "Em 1843 já o colégio era o primeiro estabelecimento de todo o Estado, e o seu renome estendia-se aos estados vizinhos, pois vinham-lhe estudantes de Pernambuco, Ceará, Rio Grande do Norte, Piauí e Maranhão, estudantes célebres" (PIRES, 1991, p. 81). Conforme citação, Pires afirma que todos vinham aprender no colégio de Cajazeiras, embora uma grande seca nos anos de 1877-1879 tenha impossibilitado a continuidade das atividades da escola, que foi fechada. O autor ainda afirma que os efeitos da seca foram catastróficos, gerando um número elevado de mortes e perdas materiais, sendo o alvo maior o Ceará, depois o Rio Grande do Norte, Pernambuco, Paraíba e Bahia.

Ainda conforme Pires (1991), com a inatividade da escola nesse período, padre Rolim permaneceu em Cajazeiras e dedicou-se aos cuidados com a terra e a cultivos diversos, além de escrever os livros *História natural*, publicado em 1881, e *Um Tratado de Filosofia*, publicado aproximadamente na mesma época.

Em *O educador dos sertões: vida e obra do padre Inácio de Sousa Rolim*, Deusdedit Leitão diz: "Ficou lembrado em Cajazeiras que, nos seus últimos anos de vida, [o padre Rolim] saía batendo de porta em porta, pedindo aos pais que não deixassem de encaminhar os seus filhos para a escola" (LEITÃO, 1991, p.63). A figura de Padre Rolim em Cajazeiras é referencia de educação, ao longo do tempo esta memória foi construída e cristalizada por todos. Podemos perceber que a sua imagem foi construída como uma figura heróica e mítica, que trazia um homem de fé, de bom coração e exemplo de perseverança, pois desde o início de sua vida de educador teria pregado para as famílias que a educação seria o futuro. Padre Rolim é considerado o co-fundador de Cajazeiras, pois teria sido sua obra que alavancou o surgimento da cidade.

De fato, Cajazeiras não parou de crescer. O século XX trouxe novos atrativos e fontes de renda para a cidade.

Segundo Antonio Assis Costa (1986) em *A(s) Cajazeiras que eu vi e onde vivi-Memórias*, no ano de 1911, o Governo Federal trouxe para Cajazeiras os fios de Telégrafo Morse (os Correios já existiam desde o fim do século XIX), o que facilitou muito a vida de quem precisava destes serviços.

O Açude Grande, hoje ponto de visitação turística da cidade, construído pelos pais de Padre Rolim no século XVIII, em 1915 em função da grave seca que assolou o Nordeste, foi conseguido pelo então senador paraibano Epitácio Pessoa junto ao IFOCS (Inspetoria Federal de Obras Contra as Secas), hoje denominado DNOCS, uma verba que possibilitou a sua ampliação para as dimensões que hoje ele tem. Inclusive o açude passou a ter a denominação de Açude Epitácio Pessoa, mesma denominação do açude Boqueirão de Cabaceiras o mesmo que abastece Campina Grande e mais 15 municípios.

Ainda em 1918, a epidemia da Bailarina chegou a Cajazeiras. Uma espécie de gripe muito perigosa e fatal trazida da Europa assolou parte do Brasil, causando muitas mortes. Mesmo onde havia uma medicina avançada, muitos morreram. Onde não havia muitos médicos, a população tinha que encontrar outros meios para se salvar. Sobre a epidemia, Costa afirma:

Aquela Bailarina, Espanhola, trazida da Europa, contaminou grande parte do Brasil, e Cajazeiras não fugiu   regra, os heróis, médicos-práticos, Higino e os Farmacêuticos Cristiano Cartaxo e Aprígio de S  fizeram prodígios com as doses em p  da nova conquista farmacêutica e ainda tão respeitada ASPIRINA, ao lado dos charlat es e mezinheiros com suas drogas, sendo as mais usadas a batata de purga, a jarrinha e a quina-quina (COSTA, 1986, p. 34).

A partir de 1920 o cenário foi mudando. O Governo Federal começou a enviar estrangeiros   região para trabalhar nas construções de novas barragens, de estradas, linhas férreas e de açudes na região de Boqueirão de Piranhas, entre eles o de Boqueirão e o de São Gonçalo, os dois maiores reservatórios de água da região. Os "Gringos" como eram conhecidos, trouxeram grande movimentação para o comércio local, pois trocavam os seus dólares em Fortaleza e gastavam em Cajazeiras com suas esposas e amantes. Isso aqueceu bastante o pequeno comércio da cidade e atraiu t mbem comerciantes de outras localidades

que se estabeleceram aqui para comercializar diversos produtos. Trouxeram também novas culturas, entre elas o jogo de futebol que na época já era uma febre em regiões maiores do Brasil. Os sertanejos se assustaram com aquele jogo violento que rapidamente formou times para competir (COSTA, 1986).

Ainda segundo COSTA (1986), mesmo com a chegada das inovações, Cajazeiras continuou enfrentando diversos problemas urbanos. Um deles era a falta de estrutura, pois quando chovia as ruas eram alagadas porque em nenhuma delas havia calçamento. Apenas em 1929 surgiram importantes mudanças no seio urbano, como o calçamento em pedras de paralelepípedos da Rua Tenente Sabino e o rebaixamento das calçadas, antes altas para servirem de sustentáculo para construções; e também a construção da primeira praça da cidade, hoje a Praça Nossa Senhora de Fátima.

Os anos da década de 1930 não foram fáceis, e Cajazeiras sofreu por ser cidade fronteiriça. Próxima ao Rio Grande do Norte e Pernambuco, a cidade tornou-se porta de entrada de armas destinadas à cidade de Princesa Isabel que estava em guerra fazendo frente ao governo de então Presidente João Pessoa, morto em Recife, no ano de 1930.

Algumas mudanças ocorreram após mais uma seca, a de 1932. COSTA afirma: "A princípio as secas trazem estagnação e regresso, mas, depois delas, vêm ondas de renovação e progresso." (p. 109). E realmente a renovação veio. Segundo Costa, novos planos de irrigação, novos açudes, estradas, prédios e a construção do primeiro centro de Saúde da cidade que logo entrou em funcionamento para melhor atender a população, pois até então não havia onde receber assistência médica.

A modernidade que ocorria nos grandes centros, inclusive na capital paraibana, "respingava" em Cajazeiras. Em 1937, na administração do Coronel Matos, surgiram novas construções que a cidade necessitava, entre elas: o açougue público, já que o existente punha em risco a saúde das pessoas pela falta de higiene; a compra do terreno para a construção do hospital; a remodelação dos cemitérios; e a melhoria da iluminação elétrica pública.

Tudo era novidade para os moradores da pequena cidade, que viam tais práticas como grandes conquistas. A partir dos anos 1940 a população passou a contar também com locais de lazer. Foram criados o Excelsior Clube, o Clube 8 de Maio, além do Clube de Futebol do

Atlético. Já na década de 1950 surgiu o Tênis Clube, o setor automotivo também despertou e a cidade já comercializava duas grandes marcas, a Ford e a Chevrolet (COSTA, 1986).

Mas foi na década de 1960 que Cajazeiras ganhou impulso na modernização urbana. No ano de 1964, assumiu o poder municipal Francisco Matias Rolim, popularmente conhecido com Chico Rolim, este ficou lembrado na história de Cajazeiras pelos seus feitos e pela participação ativa na modernização da cidade.

2.2 MEMÓRIAS DE UM POLÍTICO SERTANEJO

Francisco Matias Rolim nasceu em 06 de dezembro de 1922, nos limites do estado do Ceará com a Paraíba. Mais precisamente, ele nasceu no Sítio Olho d'Água do Melão, atual distrito de Felizardo Vieira que, na época, pertencia ao município de Umarí e que, atualmente, pertence ao município de Ipaumirim, todos no Ceará.



Fonte: <<http://coisasdecajazeiras.com.br/?p=2197>>.
Acesso em: 07 mar. 2014.

Filho de Matias Duarte Passos, popularmente conhecido como Mestre Matias, e Angelina Guedes Rolim, conhecida como mãe Dosanjo. Irmão de Teté, Doiô, Nanã, Júlia e José Matias, do primeiro casamento de seu pai, que era viúvo quando se casou com Angelina. E tendo como irmãos da segunda família Alodias, Maria Virgem, Stela, Valdemar, Micena e Matias.

No segundo momento deste capítulo, para aprofundarmos a história de Chico Rolim, utilizaremos uma obra que narra a vida e as memórias de Chico Rolim, contadas por ele mesmo e escrita por Sebastião Moreira Duarte: *Do miolo do sertão: a história de Chico Rolim contada a Sebastião Moreira Duarte* (1988). Mesmo reconhecendo que a biografia foi utilizada como elemento para exaltação de uma memória, utilizaremos essa fonte de pesquisa para conhecer melhor a vida do nosso objeto/sujeito de estudo, sempre destacando ao longo da pesquisa que os termos utilizados pelo autor dão um tom de heroísmo à figura de Chico Rolim. A tarefa empreendida aqui não será tomar partido e sim procurar detalhes importantes que nos ajudem a entender a história de nosso personagem político

2.2.1 A VIDA COMO POLÍTICA

Segundo Duarte (1988), Chico Rolim nasceu em tempos de muita fartura. As terras do Melão seriam um paraíso escondido, tinha desde leite, queijo, coalhada, rapadura, batida, alfenim, à cana de açúcar, banana babona e muita goiaba. Mestre Matias, seu pai, era professor de todos que sabiam ler naquela localidade. Além disso, era juiz de casamentos, nomeado pelo presidente do Ceará Antonio Pinto Nogueira Acioly. Homem de bem, honrava os seus compromissos e não deixava que nada faltasse à família. Mas em 24 de novembro de 1925 o Mestre Matias, no trabalho do campo, sentiu-se mal e voltou para casa gemendo de dores. Consciente do que se passava, teria chamado a família ao leito, feito recomendações à mulher e abençoado os filhos. Era o fim do “paraíso” para os filhos de Matias. “Morreu o homem do Melão”, era o que todos diziam pelas redondezas, pois o Mestre Matias seria um homem conhecido e estimado por todos. Nas palavras de Duarte:

Do Mestre Matias, tão querido e lembrado por todos, não ficou, porém, um único retrato que pudesse guardar para os filhos os traços do seu rosto.

Reconstruo pela memória dos irmãos mais velhos a nebulosa lembrança que tenho de sua figura, sem poder fixar na retentiva um perfil definido de sua pessoa (DUARTE, 1988, p.12).

Com apenas três anos de idade quando o pai faleceu, as poucas lembranças que tinha dele se misturava com as que eram contadas pelos irmãos mais velhos. Era apenas o que restava, nenhuma fotografia nem nada físico, apenas lembranças e também o vazio, que certamente nunca foi preenchido.

Nesse trecho de Duarte já podemos perceber uma narrativa épica se tratando da história de Chico Rolim; quando coloca o "paraíso escondido" fazendo menção ao local que Rolim nasceu, soa como um romance heróico.

Nesse sentido, ainda segundo Duarte, teriam sido duros os tempos que sucederam a morte do Mestre Matias. A viúva Dosanjo não dominava maiores detalhes sobre o andamento dos negócios e vendeu quase tudo que tinha para pagar dívidas e honrar a memória do marido. Cedo os filhos pegaram o caminho da roça, o primeiro "Livro do Mundo" como diz Chico Rolim. O único filho capaz de conduzir os negócios era José Matias, com 23 anos.

A primeira viagem de Chico Rolim à cidade é definida como algo memorável: "Era a primeira vez que meus olhos se abriam para um arruado, um pequeno número de casas reunidas, e eu agradeci a Deus pela viagem" (DUARTE, 1988, p.20). Em sua imaginação de menino as pessoas da cidade passavam o dia sem fazer nada, andando para lá e para cá, sempre distintas e bem vestidas, sem precisar enfrentar o cabo da enxada. E ele pensava que isto sim era vida: "Que por enquanto ninguém saiba, mas eu juro, juro por Deus que um dia eu também vou deixar o mato. Vou morar na cidade" (DUARTE, 1988, p.20).

Aos oito anos de idade Chico Rolim teria tido o privilégio de ir à escola, pois na época era raro os pobres terem esse acesso. Aproveitava cada pedaço de papel que encontrava e guardava cuidadosamente para que a irmã lhe passasse mais exercícios fora do horário das aulas, à noite, à luz do candeeiro. Rapidamente, teria assimilado os conteúdos dos livros e avançado cada vez mais, pois seria atento e aplicado. Mas infelizmente o sonho dos estudos foi adiado, pois passados três meses que estava na escola, Chico Rolim teve que acompanhar a irmã Alodias e seu esposo Cícero Moreira, há pouco casados, para a Lagoa das Baraúnas, onde passariam a viver em uma porção de terras de seu tio Enéias Rolim.

A vida de Chico Rolim seria uma espécie de saga. Segundo as palavras de Duarte, Chico Rolim não gostava de morar na zona rural e sonhava em morar na cidade. Por ter a visão de que a vida citadina era fácil, sonhava em deixar o "mato". Depois veio a vida escolar. De certo, a sua família não tinha posses como quando o seu pai ainda vivia. Porém era uma família de influência, com parentes ocupando cargos de confiança no Estado do Ceará, talvez não fosse tão difícil ingressar na escola.

Em 1932, Chico Rolim teria experimentado pela primeira vez a seca. Com apenas dez anos de idade foi enviado à casa do seu avô, em Cajazeiras, com a finalidade de receber as doações do governo e mandá-las para a família no Ceará. Ele mesmo se apresentava na fila e recebia os alimentos. Terminada esta época, teria voltado a pé de Cajazeiras para o Melão, surpreendendo a todos com a destemida atitude. Já em 1933, seu irmão José Matias, o braço forte que guiava a família, foi assassinado, o que tornou os tempos ainda mais difíceis e todos voltaram para a roça. Desta vez, guiados pelo cunhado Cícero Moreira. Mais uma vez Chico Rolim abraçava o cabo da enxada para ajudar no sustento da família. Seria esta sua realidade.

Entretanto, mesmo não podendo favorecer a todos, a família precisava beneficiar pelo menos um com o estudo para que este dominasse as letras. E Chico Rolim foi o escolhido: "Eram duas coisas que me fascinavam, tanto mais vindo juntas: morar na cidade e avançar nos estudos" (DUARTE, 1988, p. 39). Foi mandado à casa do avô e padrinho Zeco, que morava na casa que tinha pertencido à mãe Aninha, genitora de Padre Inácio de Sousa Rolim, o fundador de Cajazeiras. E ali pertinho funcionava a escola. Foi feita uma prova para testar os conhecimentos do jovem estudante para saber em qual série ele seria matriculado. Estava bem nas letras, porém precisava saber lidar com os números, pois ele não tinha aprendido a tabuada na escola do Melão. Assim sendo, foi matriculado na segunda série, e pôs-se mais uma vez empenhado para dominar as quatro operações matemáticas (DUARTE, 1998).

Mais uma vez, porém, os estudos de Chico Rolim não puderam ser continuados, pois não tinha quem os custeasse. E ele voltou para a luta na roça. Desta vez, ao invés de maldizer o trabalho pesado, esforçou-se e apressou-se para mudar de vida através dele:

Ao contrário de refugá-lo, como antes eu prometera em tom solene, era o caso de apressar-me em produzir mais, de pedir a Deus bons invernos, e trabalhar até o limite de minhas forças: abraçasse eu ou não esta verdade, era na terra, na estreita nesga de chão que nos restava, e, em torno, nas propriedades de que pudéssemos dispor - sobretudo para os sacrificados

plantios de vazante, que nos daria o luxo de pillar alguma saca de arroz para o consumo doméstico - era na terra que estava a viabilidade de nossa libertação. Era bastante tomá-la como a única fonte de riqueza, e fazê-la produtiva ao máximo que a natureza nos permitisse (DUARTE, 1988, p.41).

E assim Chico Rolim e seus irmãos começaram a trabalhar no intuito de mudarem de vida, sempre em conjunto, uns ajudando os outros. Aos poucos e com muita luta, foram adquirindo seus dinheiros e animais: um luxo para a época.

A vida na roça nunca foi fácil. Porém, percebemos que ela serviu de grande aliada para a carreira de Chico Rolim, pois a mesma aparece na narrativa sempre que surgiam as dificuldades. Acredito que para que as pessoas se apiedassem, ajudando então a construir uma imagem de homem sofredor que conseguiu vencer os obstáculos.

E assim nada mais faltava em casa. Em pouco tempo, Chico Rolim foi convidado para trabalhar no balcão de uma mercearia em Ipaumirim (Ceará), o que lhe rendeu experiência no comércio: embora também durasse pouco tempo, pois o dono do negócio mudou-se para Cajazeiras. Mesmo em tempos difíceis Chico Rolim ainda chegou a trabalhar mais uma vez na cidade do Padre Rolim, mas, vendo que o negócio fraquejava a cada dia, resolveu voltar para o Melão. Desta vez montado em uma bicicleta que comprara com o dinheiro economizado no último emprego de balconista. Uma bicicleta! Isso era mesmo uma extravagância para um rapaz novo, já que era coisa nova que chegava aos arruados de Cajazeiras.

Em 1942, mais um ano seco, Chico Rolim foi beneficiado com um posto na turma de locação das Frentes de Emergência na construção da Rodovia Transnordestina, já que tinha o privilégio da leitura. Passou pouco tempo, pois o posto estava destinado à outra pessoa. Mas logo foi convidado para trabalhar em uma loja de tecidos em Umari (Ceará), o que lhe deu mais uma oportunidade de voltar ao comércio, isso o levou ao cabo de cinco anos a comprar a loja, em sociedade com Renato Gondim, e se tornar um dos mais conhecidos e procurados comerciantes de Umari.

Chico Rolim se mudou para Cajazeiras em 1948, quando fez sociedade com o seu irmão Valdemar e adquiriu uma loja de tecidos no Mercado Central, que se chamava A Cearense. Sempre respeitando os concorrentes, era mais ousado, e buscava fazer compras em grandes centros como Campina Grande e Recife, devido à maior variedade das mercadorias e

os preços mais baixos que os da praça. Assim, Chico Rolim logo se destacou na sociedade cajazeirense como jovem comerciante em ascensão, capaz de representar, ao mesmo tempo, a ala jovem, que garantia a animação dos eventos festivos, e a corporação empresarial. Logo Chico Rolim assumiu cargos de direção nos clubes 1º de Maio e 8 de Maio. E com o andamento do comércio, mesmo ainda com a lojinha, ele comprou o seu primeiro automóvel, um Ford 1946 cor de vinho, que ele não se deu ao luxo de zelar:

Era mesmo de chamar a atenção e causar algum escândalo em meio a certa elite da cidade ver um transporte grã fino, de acordo com a opinião geral, carregando pobres pés-rapados, indo e vindo de consultórios médicos, parando em frente de farmácias, abarrotando-se de cacarecos de trabalhadores rurais, de quem nunca me afastei e que tanto suporte emprestaram na minha elevação à vida pública (DUARTE, 1988, p.85).

Os carros eram objetos de luxo na sociedade cajazeirense. Os possuíam apenas as pessoas de mais posses. Certamente, era espantoso alguém ter tal objeto e não ter o cuidado necessário com sua conservação. Sendo apenas um comerciante comum, como ele diz ser, certamente não poderia comprar outro automóvel com facilidade. Isso mostra uma elaboração de sua fala, construindo um perfil de humildade e caridade ao ajudar as pessoas sem se preocupar com a conservação do veículo. Talvez o carro significasse mais para a época, já que o mesmo transportava pessoas pobres, presumimos que isso seria uma espécie de meio para ingressar na política e ser reconhecido pelo trabalho em prol dos mais carentes. Essa prestação de serviços caracteriza o começo de uma vida política.

Passados dois anos que abriram a loja A Cearense, Chico Rolim e seu irmão Valdemar abriram a sua filial o Armazém São Paulo que, situado em pleno coração do comércio de Cajazeiras, na esquina da Rua Cel. Juvêncio Carneiro com a Rua Padre José Tomaz, era um dos pontos mais movimentados da cidade, o que contribuiu ainda mais para o crescimento dos irmãos Matias na “Terra do Padre Rolim”. Pouco tempo depois o negócio apontava bons lucros, e passou a ser denominado com Francisco Rolim & Irmãos. Alguns anos depois Valdemar inauguraria o Armazém das Fábricas, que tem destacado nome no comércio de Cajazeiras até os dias atuais, e Chico Rolim abriria com Matias outra filial, o Armazém Paulistano.

No dia 31 de dezembro de 1950 Chico Rolim se casou com Teresa Augusta que era irmã da esposa de seu irmão Valdemar. Da união nasceram três filhos: Anacleide, Claudiomar e Anacélia. Algum tempo depois, ele entrou para o Rotary Clube de Cajazeiras ganhando mais destaque na sociedade local. Fez sua primeira viagem ao sul do país, ampliando seus horizontes e trazendo muitas histórias para contar aos amigos cajazeirenses.

Em 1958, no decorrer de outra seca, quando os nordestinos emigraram para outras terras em busca de sobrevivência, principalmente nas terras do coração do Brasil, com a promessa de um governo favorecedor aos pobres do então presidente da república Juscelino Kubitschek, Chico Rolim rumou para o Maranhão. Sua viagem era uma tentativa de fixar negócio na cidade de Bacabal, onde inaugurou outra filial do Armazém Paulista, primeira loja de certo porte na cidade, já que ali não se dispunha de variedades de bens de consumo e mercadorias.

Podemos perceber na história de Chico Rolim uma narrativa sucessiva de acontecimentos, sem outro vínculo que não a associação a um "sujeito" cuja constância é o seu nome. Isso nos remete *A ilusão bibliográfica* de Pierre Bourdieu, que diz:

Sem dúvida, cabe supor que o relato autobiográfico se baseia sempre, ou pelo menos em parte, na preocupação de dar sentido, de tornar razoável, de extrair uma lógica ao mesmo tempo retrospectiva e prospectiva, uma consistência e uma constância, estabelecendo relações inteligíveis, como a do efeito à causa eficiente ou final, entre os estados sucessivos, assim constituídos em etapas de um desenvolvimento necessário (BOURDIEU, 2006, p. 184).

A citação acima deixa claro que essas memórias construídas tendem a dar um tom épico à vida do investigado, no caso Chico Rolim; bem como, mostram que, na verdade, as biografias são ilusões, pois não apresentam os fatos em sua multiplicidade de aspectos para que a história fique "organizada" e previamente definida. E o papel do historiador é justamente fugir dessa ilusão e problematizar a biografia enquanto um gênero histórico e discursivo. De todo modo, mesmo com os problemas biográficos, essa narrativa tem nos ajudado a entender a história de Chico Rolim, identificando sua vida como uma narrativa política e sua personalidade como líder político.

2.2.2 A ATUAÇÃO POLÍTICA

A trajetória política de Chico Rolim foi marcada por sua constante presença no meio político de Cajazeiras a partir da década de 1950:

[...] devo dizer-lhe com todas as maiúsculas que, até o ato inicial, nunca antes em minha vida esteve jamais presente, de longe sequer, a mínima veleidade de fazer carreira política. Pelo contrário: a política aborrecia-me. (DUARTE, 1988, p.126)

Muitas vezes as pessoas cultivam sonhos de ter determinada posição na vida, Chico Rolim diz não ter muitos sonhos e anseios para a sua vida. Conforme a citação acima, ele diz não ter a pretensão de ingressar na vida pública. Porém, vejo que a sua família era bem ligada à política desde que moravam no Ceará. Talvez isso tenha sido fator determinante para influenciá-lo no seu ingresso político.

Giovanni Levi ao escrever "*Usos da biografia*", preocupou-se em discutir essas ambiguidades que a biografia pode trazer, sobre isso ele diz: "Vivemos hoje uma fase intermediária: mais do que nunca a biografia está no centro das preocupações dos historiadores, mas denuncia claramente suas ambiguidades" (LEVI, p. 167, 2006). Essa ambiguidade é notória no caso de Chico Rolim, quando produziu uma narrativa política para a sua vida, afirmando não querer ser político.

Conforme Duarte, teria sido justamente por estar aborrecido com a política, que Chico Rolim resolveu entrar nela. Membro do Corpo de Jurados de Cajazeiras desde 1950, onde permaneceu por doze anos e nesse mesmo tempo não teria havido uma eleição sem que a Justiça Eleitoral não o convidasse para presidir uma das mesas. Eram para eles dias cansativos, e ali, naquele posto, ele podia ver mais de perto a miserabilidade das pessoas, que iam lá depositar o seu voto e depois eram esquecidas. Seriam as mulheres que mais lhe chamava atenção, porque votavam, mas não gozavam de todos os direitos que gozam hoje. Além da maratona que era passar o dia só com o almoço e voltar para casa sem condução, com a urna debaixo do braço para cumprir a civilidade. Isso o aborrecia. E quando Chico Rolim resolveu comentar estes desgostos com o Juiz de Direito Antonio do Couto Cartaxo, foi aconselhado pelo mesmo a entrar para a política, a fazer parte de um Diretório de partido o que lhe impedia de trabalhar em mesa coletora ou excludinadora. E teria sido assim que, para

se livrar do tormento de ser presidente da mesa eleitoral, Chico Rolim filiou-se ao PSD (Partido Social Democrático). Seria o início de sua carreira política.

Quando o autor coloca "memorável carreira política", talvez seja uma forma exagerada de demonstrar que as gestões de Chico Rolim como prefeito foram importantes para a cidade, tornando-o uma espécie de referência política de Cajazeiras. A população e os políticos atuais sempre fazem elogios as suas administrações.

A filiação ao PSD seria o início de tudo. Ao final do ano de 1954, Chico Rolim já fazia parte da direção do partido. Entretanto, ele passou a não concordar com a forma que as coisas aconteciam, pois apenas um grupo tomava as decisões e depois repassava para os demais, colhendo as assinaturas. Ele dizia querer compartilhar as suas idéias e assim foi se integrando mais ao dia-a-dia partidário. Em 1959, o Dr. Otacílio Jurema candidato a prefeito, o convidou a ser candidato a vice-prefeito, porém Chico Rolim não aceitou e votou em outro nome para ser candidato. Mas nesse ano ele não teria mais como fugir da política e se candidatou a vereador. Sessenta candidatos concorriam ao pleito. Chico Rolim, de todos os candidatos foi o mais votado.

Como todo iniciante, Chico Rolim preocupou-se em apresentar diversos projetos. Ao falar sobre isso para Duarte, Rolim expressou: "Ao assumir o mandato de vereador, minha preocupação de neófito se concentrava em apresentar projetos sobre projetos, na crença ingênua de que as leis modificassem a dura realidade em que vivia, e ainda vive, a nossa população" (1988, p.135). Mas nem tudo seria fácil. Ninguém consegue mudar nada sozinho e em pouco tempo. Essa tarefa deve ser coletiva, mas os sonhos de mudança do novo vereador continuavam.

A partir de 31 de dezembro de 1960 Chico Rolim assumiu a Presidência da Câmara Municipal de Cajazeiras por dois anos. Durante este íterim, assumiu a prefeitura a partir de 1º de setembro de 1962 por 30 dias, uma vez que o prefeito e o vice estavam tratando de outros assuntos políticos. Durante esse mês, tratou de aprovar os projetos que dependiam do crivo da prefeitura. Entre eles a criação da SAECA (Sociedade de Águas e Esgotos de Cajazeiras) e da Companhia Telefônica da cidade que ficaram devidamente instituídas, mas que só sairiam do papel posteriormente, quando ele assumiu como prefeito definitivamente no início de 1964.

De acordo com Duarte (1998), a vida política de Chico Rolim tomaria novos rumos, como já colocamos aqui. Os demais integrantes do PDS teriam aproveitado a boa imagem que ele tinha e usaram conforme lhes convinha. A UDN (União Democrática Nacional), então, tomou a iniciativa de convidá-lo para mudar de partido. Depois de pesar, ele aceitou e tornou-se membro da UDN e, mais, foi o candidato a prefeito pelo partido.

Ressalto que a prática de filiações em partidos hoje é muito comum no cenário político brasileiro, principalmente da oscilação que há de alguns políticos migrarem para o partido que obtém mais vantagens, pois há um leque de opções.

Candidato a prefeito pela UDN, Chico Rolim foi eleito com a maioria dos votos em 11 de agosto de 1963 e assumiu a chefia da municipalidade em 30 de novembro do mesmo ano:

É inocência das maiores imaginar que a política seja uma prática pacífica e imaculada, por todo o sempre e em todo lugar. Tratando-se de atividade que, tanto ou mais que qualquer outra, se impregna do sal do suor humano, não se pode esconder que é pesado jogo de interesses. Feito de barro é o homem e com o limo primitivo sempre haverá de macular as melhores de suas intenções, os mais íntimos e puros dos seus sentimentos (DUARTE, 1988, p. 155).

A citação acima serve para representar momentos políticos diferentes, pois tanto na época do governo de Chico Rolim, como também nos dias atuais, esperamos melhores atitudes ou ao menos comportamentos éticos dos governantes que escolhemos para nos representar. Mas nos parece que a carreira política hoje em dia virou apenas mais um tipo de comércio descompromissado na busca insaciável pelos próprios interesses, dinheiro, vaidade e poder, e como descrédito para com a sociedade que o elegeu, as necessidades do povo ficam em último plano.

O primeiro ano do governo de Chico Rolim, como tantos outros do Brasil, foi marcado pelo Golpe Militar. Em 1º de abril de 1964, diferentemente das capitais, nem todos do interior sabiam do que realmente se tratava aquele golpe, mas como prefeito Chico Rolim sabia que seria loucura ir contra o sistema. A solução era esperar que rumos tomaria o país e apoiar o movimento. A partir do golpe, muito se mudaria no cenário político do Brasil, uma dessas mudanças foi a eliminação dos diversos partidos existentes e a criação de apenas dois: ARENA (Aliança Renovadora Nacional) e MBD (Movimento Democrático Brasileiro).

Pelas próprias palavras de Chico Rolim, podemos perceber o apoio ao Golpe Militar, inclusive, Cajazeiras recebeu a visita de uns dos Presidentes na época da Ditadura, o General Ernesto Geisel.

O seu 1º mandato como prefeito teve duração de cinco anos e dois meses, terminando apenas em 31 de janeiro de 1969. Essa prorrogação se deu em virtude de que alguns estados tinham eleições desencontradas; uns tinham o período de quatro anos, outros de cinco. Então, o Governo do Militares estendeu o governo dos prefeitos paraibanos por mais 14 meses. O fato é que em 1969, Chico Rolim passou para Dr. Epiácio Leite Rolim a chefia da Prefeitura Municipal de Cajazeiras, e como não mais pretendia voltar a se candidatar, rumou para o Maranhão com o propósito de tocar os negócios da família, que não iam bem por conta da sua ausência. Durante esse período afastado, Chico Rolim abandonou a política, mas não abandonou Cajazeiras. De certo, ele manteve sempre o contato com parentes, amigos e aliados políticos, provavelmente também não deixou de visitar a cidade.

Ainda de acordo com Duarte (1988), Chico Rolim teve o seu nome bastante cotado em diversas disputas, inclusive nas eleições de 1972, mas a recusa prevalecia. Ele não queria mais envolvimento com a política, porém continuou ajudando aos seus amigos e aliados.

E assim aconteceu, a vontade do povo fez de Chico Rolim mais uma vez prefeito de Cajazeiras. Nas eleições de 1976, mais precisamente em 15 de novembro, era eleito novamente. Muitos queriam a continuação do primeiro mandato, mas o segundo também se mostrou importante e marcado por grandes feitos e isso veremos adiante.

Quando já se preparava para entregar a Prefeitura em 31 de janeiro de 1981, cumpridos os quatro anos de mandato, novamente Chico Rolim é pego de surpresa pela ordem de prorrogar outra metade do tempo de governo, ou seja, mais dois anos, entregando a Prefeitura apenas em 1983. Tendo sido beneficiado por duas prorrogações de mandatos, soma-se um período de 11 anos de administração como prefeito. O ex-prefeito também foi candidato a deputado federal, ficando na suplência, e posteriormente assumiu por um período de dois anos.

Esses foram os últimos anos que Chico Rolim participou ativamente da política em Cajazeiras. O fato de não disputar mais não o impediu de apoiar os seus amigos partidários. Porém, agora de forma mais restrita, e aos poucos afastando-se da política local.

Em 06 de dezembro de 2012, nas dependências do Cajazeiras Tênis Clube, a Assembléia Legislativa da Paraíba foi instalada em Cajazeiras para conceder a medalha “EPITÁCIO PESSOA” ao Ex-Prefeito e Ex-Deputado Federal Francisco Matias Rolim. Na ocasião, Chico Rolim também foi homenageado com a comenda “João Bosco Braga Barreto” pela Câmara Municipal de Cajazeiras.⁷

2.2.3 AS ADMINISTRAÇÕES EM CAJAZEIRAS

Os mandatos de Chico Rolim ficaram marcados na história de Cajazeiras. Segundo Duarte, talvez pela ousadia que o mesmo tinha para angariar benefícios para o município e pela sua visão futurista. Na verdade, o termo futurista é utilizado apenas para a região, pois o que ele sonhava construir em Cajazeiras, já tinha acontecido ou estava acontecendo nos grandes centros: a urbanização moderna.

Durante os 11 anos como representante do município, muitos projetos foram apresentados e executados, alguns de grande cunho para a sociedade cajazeirense.

Chico Rolim tinha sonhos como cidadão e como político, queria realizar melhorias na cidade. Sobre isso, diz Duarte:

Não posso esconder que, em minha vida política, nessa terra que me fez alargar os caminhos de criança, me visitava de quando em vez o sonho de poder plantar novos caminhos para todos, de abrir ruas e avenidas, de dar mais beleza a ruas e praças, de semear mais escolas, de rasgar estradas para o homem do campo, de buscar meios mais acessíveis para que essa gente generosa tratasse de sua saúde com menos sacrifício, de fazer moderna a cidade que, além de sua importância histórica no alto sertão paraibano, era a quarta população do Estado (DUARTE, 1988, pp. 146-147).

⁷ Câmara Municipal e Assembléia Legislativa homenageiam o Ex-Prefeito de Cajazeiras Francisco Matias Rolim com suas maiores Comendas.

Disponível em: <<http://www.altosertao.com.br/index.php/noticias-gerais/aconteceu/669-camara-municipal-e-assembleia-legislativa-homenageiam-o-cx-prefeito-de-cajazeiras-francisco-matias-rolim-com-suas-maiores-comendas.html>>. Acesso em: 29 jul. 2013.

O trecho mencionado nos remete aos escritos de Arthur Torquato em: *O plantador de cidades e a criação do espaço moderno: a construção de uma Natal moderna na administração Sylvio Pedroza (1946-1950)*. Ao analisar tal governo, Torquato afirma que foi construída uma imagem de Sylvio Pedroza enquanto modernizador da cidade do Natal e que esta foi consolidada através do discurso construído pelo próprio gestor, pela imprensa local, pelos memorialistas e pelos amigos do ex-prefeito. E continua a afirmar que isso não quer dizer que ele nada fez, pois as obras modernizadoras naquela cidade melhoraram vários aspectos urbanos, mas que a lembrança do ex-gestor não passa de uma leve brisa na memória dos mais velhos (TORQUATO, 2011).

Assim, podemos considerar que Chico Rolim também teve essa imagem de administrador moderno cristalizada na cidade de Cajazeiras, e que a forma que se deu esse processo de consolidação foi parecida com a que ocorreu em Natal, mas que os feitos modernos foram realizados e isso não se pode negar. Nesse sentido, o livro de Duarte foi fundamental para cristalizar a memória política de Chico Rolim.

Conheceremos agora um pouco das mudanças ocorridas no cenário urbano de Cajazeiras a partir da década de 1960.

Eram tempos difíceis, Cajazeiras não dispunha de muitos recursos modernos na época, o que dificultava a vida dos cidadãos que aqui habitavam. Muitas vezes tinham que se deslocar até a capital para dispor do que aqui faltava. Tratava-se de uma sociedade carente, sem investimentos principalmente educacionais, pois a cidade não contava com nenhuma instituição de ensino público em nível de ginásio. Havia apenas colégios particulares, onde uma pequena minoria tinha acesso à continuação dos estudos.

Chico Rolim, durante a sua vida pública, preocupou-se em criar um programa governamental que pudesse resolver os problemas sociais da cidade. Uma das primeiras medidas a serem tomadas foi à implantação de escolas públicas como é o caso da encampação do EEEFM Monsenhor Constantino Vieira (antigo Colégio Comercial de Cajazeiras) e no seu governo conseguiu a instalação do EEEFM Professor Crispim Coelho (Colégio Estadual), que beneficiou Cajazeiras e as cidades circunvizinhas que também precisavam da educação. Segundo dados de Duarte, na sede, nos distritos e na zona rural, foram construídos mais grupos escolares do que em todos os governos anteriores, e o número de matrículas cresceu quase quatro vezes mais (DUARTE, 1988).

A infra-estrutura local também não era adequada às necessidades sociais, pois não havia uma boa distribuição da rede de energia, nem de água e esgotamento. Também não havia asfalto, nem linhas telefônicas.

Segundo Duarte (1988), Cajazeiras foi uma das primeiras cidades do interior do estado a ter um serviço de telefone urbano. Aqui foi instalada a Companhia Telefônica de Cajazeiras, que teve a sua sede construída em pouco mais de um mês (atual prédio da Coletoria Estadual, que abrigou também a Coletoria Estadual e o IBGE).

Através do Projeto CURA, iniciativa do Ministério do Interior para melhoramento dos centros urbanos de porte médio, Cajazeiras recebeu durante o segundo mandato de Chico Rolim o primeiro metro de asfaltamento, que logo foi multiplicado e alcançou a marca de 18 mil metros quadrados de asfalto (DUARTE, 1988, p. 233). Além dos benefícios públicos, o asfalto trouxe um aspecto moderno para a cidade.

Outro problema a ser resolvido era a rede de energia elétrica que era ligada à barragem de Coremas desde 1959. Devido à sobrecarga a cidade sofria sucessivos racionamentos, e a solução estava em conseguir fazer a ligação da rede com o sistema de Paulo Afonso, que expandia-se pelo Nordeste. O desejo da sociedade foi concretizado e, em 14 de novembro de 1964, a chave foi acionada.

Durante os dois mandatos exercidos por Chico Rolim, foram construídas praças, como por exemplo, a Praça do Espinho em frente ao colégio Dom Moises Coelho, além de ruas, avenidas e instalação de agências bancárias, o que proporcionou o melhoramento do comércio local.

Na agricultura, o governo preocupou-se em dar assistência às atividades produtivas locais. Foram instalados postos de distribuição de sementes, construções de açudes e a compra de uma motoniveladora para o município, o que era uma novidade na época, beneficiando grandemente não só a agricultura, mas também toda a população da zona rural que a partir de então, tinha a seu favor um instrumento que facilitava a abertura de estradas e o melhoramento das já existentes.

No tocante a saúde, a falta de investimentos nessa área era preocupante. Para melhorar a situação da zona rural foram construídos os postos médicos de Divinópolis e Engenheiro Ávidos. Na sede do município foi reaberto o Dispensário de Tuberculose que atendia gratuitamente cem pacientes. O Hospital Regional de Cajazeiras estava para desabar e,

mesmo sendo estadual, a administração do mesmo foi entregue à administração municipal. A prefeitura procurou convênios, restaurou e ampliou as instalações, inclusive a maternidade, uma das mais bem aparelhadas do Estado.

Um dos feitos de maior grandeza nas suas administrações, especificamente na segunda, no ano de 1979, permite a Cajazeiras hoje dispor de um campus de uma Universidade Federal. A implantação do Campus da UFPB (atual UFCG) foi conseguido na época com muito sacrifício, pois Cajazeiras iria perder a oportunidade para a cidade de Sousa, caso não disponibilizasse um local amplo para a construção. Não havia ninguém que fizesse a doação do terreno e a prefeitura também não dispunha de muitas verbas. Então o local escolhido pelos representantes da UFPB recaiu sobre o terreno pertencente a família Peba que, ao serem procurados, pediram quase 2 milhões de cruzeiros. Depois de um acordo, a prefeitura pagou o valor de 540 mil parcelado. Empunhada esta luta, o terreno foi conseguido e depois de algum tempo inaugurava-se o Campus V da Universidade Federal da Paraíba (DUARTE, 1988).

Podemos perceber um aparato de mudanças no cenário urbano de Cajazeiras. Como colocamos anteriormente, essas mudanças já tomavam conta de grandes cidades brasileiras e mundiais e não era nenhuma invenção de Chico Rolim. Mesmo em Cajazeiras, já havia ocorrido algumas iniciativas isoladas de melhorias urbanas. Mas não podemos negar que o mesmo trouxe e ampliou essas inovações para este pedaço do Sertão, estendendo seu alcance no espaço da urbe e ajudando a fazer de Cajazeiras uma das cidades que mais vem crescendo na Paraíba. Ainda que a cidade, como um todo, estivesse longe de ser perfeita, sabemos que é inviável uma sociedade neste modelo de perfeição. A cidade de Cajazeiras seguia esse mesmo padrão, pois possuía os seus defeitos e as suas dificuldades, mas pôde contar com a iniciativa e o impulso modernizador desse prefeito que, nas palavras de Duarte (1988), tinha o perfil de *gestor moderno*, transformando decisivamente o cenário urbano cajazeirense.

CAPÍTULO 3

A AFIRMAÇÃO DO MODERNO NO GOVERNO CHICO ROLIM

É nas cidades, portanto, que o homem enxerga a luz do progresso, pois modernidade e desenvolvimento econômico são os ícones inseparáveis no imaginário dos atores sociais, quando se trata de questão de crescimento e transformações de centros urbanos, seja através de empreendimentos financeiros e comerciais, seja na produção de prédios modernos e residências luxuosas. Edificações estas que visam exibir a riqueza de seus proprietários e dar um ar de desenvolvimento, tanto para os habitantes como para os forasteiros que a visitam em busca de negócios, conforto e novos conhecimentos (ROLIM, 2010, p.44).

Nesse terceiro e último capítulo abordaremos a pesquisa documental feita na Câmara Municipal de Cajazeiras na Paraíba. O objetivo é perceber as práticas modernizantes em Cajazeiras, ocorridas durante o Governo Chico Rolim através de Projetos de Leis e dos Livros de Autógrafos encontrados da época. (1964-1969).

No decorrer da análise tentaremos nos ater mais longamente ao período do 1º mandato de Chico Rolim. Mas o nosso estudo não exclui a possibilidade de analisar outras passagens de sua história política, quando se fizer necessário, a fim de com isso sustentar o nosso objeto de estudo: a imagem de Chico Rolim enquanto um administrador moderno.

Nos arquivos da Câmara Municipal de Cajazeiras encontramos documentos que nos proporcionam conhecer um pouco mais da história de nossa cidade e o que nela foi realizado durante o mandato de Chico Rolim, focando apenas nos projetos aprovados. Utilizaremos os Livros de Autógrafos dos anos de 1964 a 1966 e o de 1966 a 1970 como base. A aprovação do Projeto de Lei é confirmada através do autógrafo, que é um documento que tem por finalidade remeter o projeto aprovado na Casa iniciadora à Casa revisora. O conteúdo do autógrafo é a reprodução da redação final do texto que fora aprovado.⁸

⁸ O que é autógrafo? Disponível em:

<<http://www.jurisway.org.br/v2/pergunta.asp?pagina=3&idarea=54&idmodelo=8407>>_. Acesso em 29 jul. 2013.

3.1- UMA CAJAZEIRAS MODERNA

Quando trazemos a idéia de modernização, pensamos logo em transformações físicas do espaço urbano e é justamente sobre essas transformações que nos propomos analisar documentalmente o Governo Chico Rolim e conhecer as mudanças promovidas em Cajazeiras através desse governo político.

O destaque é voltado para as mudanças na infra-estrutura urbana e o embelezamento da cidade, mas as melhorias trazidas para a zona rural e para a educação também devem ser evidenciadas, já que muito se beneficiaram neste governo.

A construção de prédios e edifícios é importante para o crescimento de uma cidade, e torna-se mais ainda quando abriga órgãos de grande relevância para o município. O Projeto de Lei nº 7/64 de 12 de junho de 1964 autorizava a Prefeitura Municipal de Cajazeiras a construir um prédio de três pavimentos para abrigar a Coletoria Estadual, a Companhia de telefonia Siemens do Brasil e a Companhia de Eletricidade de Cajazeiras. Orçada em 18.000.000,00 (dezoito milhões de Cruzeiros) a obra foi de grande valia para a administração, pois os órgãos ali abrigados prestavam serviços à população gerando facilidade no atendimento. Esse prédio, construído em 1964 é também conhecido como Edifício Centenário. Localizado no centro da cidade, no Caçadão da Rua Tenente Sabino, é o mesmo em que funciona a Coletoria Estadual atualmente.

Outra obra de suma importância para a cidade foi à construção de uma casa de estudantes. Cajazeiras, com o seu vasto currículo em educação, não dispunha de uma casa de apoio para os estudantes que vinham de fora. O Governo Chico Rolim se preocupou em atender essa necessidade e em 15 de julho de 1964, fazendo referência ao Projeto de Lei 33/64, a Câmara Municipal de Cajazeiras decretou: "Dispõe sobre a construção da casa dos estudantes de Cajazeiras e dá outras providências" (AUTÓGRAFO Nº 33/64). Nesta aprovação, fica autorizado a doação do terreno e a construção da referida residência. Diariamente estudantes procuram imóveis em Cajazeiras, até porque as faculdades atraem cada dia mais alunos. Mas levemos em consideração que as pessoas de baixa renda que querem estudar e não têm condições de pagar a sua estadia, hoje têm um aparato de opções.

pois as universidades federais dispõem de residência universitária. Porém, há 50 anos, era diferente, tudo era de difícil acesso e sem dúvidas a implantação dessa casa beneficiou diversos estudantes que escolheram Cajazeiras para aprender, dispondo de um local para abrigo.

Sendo a cidade o habitat dos homens, nela não pode faltar moradia para abrigá-los. Em 27 de dezembro de 1965 fica autorizado o prefeito municipal de Cajazeiras abrir crédito especial de 3.000.000,00 (três milhões de cruzeiros) destinados à construção de casas residenciais para pessoas reconhecidamente pobres através do Projeto de Lei 36/65. Cajazeiras estava em crescimento e enfrentava os mesmos problemas que outros centros enfrentavam, como as mazelas sociais acarretadas com o crescimento urbano, o sonho da vida na cidade, que fez com que muitos deixassem a zona rural ou outras cidades menores e viessem em busca de melhorias aqui. Nem todos tinham renda, então problemas como a falta de moradia começaram surgir, e as casas populares tornaram-se "salvação" para muitos. Evidentemente nem todos tinham direito a este benefício, mas ajudou e ainda ajuda a muitos que necessitam das moradias ofertadas pelos governos.

Outra conquista para o setor habitacional foi à participação do município através da Companhia Estadual de Habitação Popular (CEHAP), aprovado no autógrafo nº 30/66 do Projeto de Lei 32/66, com data de 15 de outubro de 1966. Essa parceria proporcionou um melhor desenvolvimento habitacional em Cajazeiras. O município escolhia e doava determinada faixa de terreno e o Governo de Estado, através da CEHAP, se encarregava de construir e entregar os imóveis.

Chico Rolim em seus dois governos loteou terrenos para a construção de centenas de casas. Assim, muitas famílias foram beneficiadas com as casas da Companhia e muitos bairros foram construídos a partir dessas doações. É o caso da Zona Norte que na década de 1960, era quase inabitada e, a partir de então não parou de ganhar novos moradores, novos bairros, novas ruas, novas praças, estabelecimentos comerciais e escolas. Atualmente, representa um setor de grande importância para o desenvolvimento da cidade de Cajazeiras. O Bairro dos Remédios também foi contemplado com loteamentos, gerando grande impulso para o crescimento daquela localidade e imediações.

Um dos fatores de grande relevância para a sociedade urbana é o sistema de distribuição de águas. Como elemento fundamental para a sobrevivência humana, a água é necessidade inadiável da população. Assim sendo, em 1962, quando assumiu a chefia da

município como prefeito interino, Chico Rolim tratou de dar andamento na documentação para instituir a Sociedade Anônima de Águas e Esgotos de Cajazeiras (SAECA), deixando-a devidamente constituída ao deixar a prefeitura. Somente durante o seu governo, no ano de 1966, foi aprovado no livro de Autógrafo nº 29/66 baseado no Projeto de Lei nº 31/66 de 15 de outubro de 1966, a incorporação da Sociedade Anônima de Águas e Esgotos de Cajazeiras pela Companhia de Águas e Esgotos do Nordeste (CAENE), que era subsidiária da SUDENE no Recife. A implantação da SAECA veio resolver o problema crônico dos municípios que sofriam pela falta de qualidade na distribuição de água e também de rede de esgotamento que, a partir de então, começou a ser implantado na zona urbana.

Percebemos que os problemas de infra-estrutura urbana aparecem desde o início do processo de urbanização e afetavam até as cidades de pequeno porte. Mas ressaltamos a importância da evolução nas implantações de melhorias para resolver os problemas sociais como a falta de moradia, de saneamento básico e de empregos, que são elementares para a vida humana.

Para amenizar a falta de empregos e acelerar a industrialização o Governo de Chico Rolim, através do Projeto de Lei 14/68, de 11 de setembro de 1968, ficou autorizado pela Câmara Municipal a adquirir uma área de terreno destinada à instalação do Distrito Industrial de Cajazeiras. O Artigo 3º desse Autógrafo diz:

Como incentivo para o desenvolvimento industrial do município de Cajazeiras, poderá o poder executivo doar aqueles que desejem instalar estabelecimentos no distrito industrial de Cajazeiras parcelas de área do terreno da municipalidade lhes proporcionando ainda todas as facilidades de sua caçada para que assim possam colaborar eficientemente para o desenvolvimento industrial do município (AUTÓGRAFO Nº 14/68).

Essa medida facilitou consideravelmente a implantação de empresas de diversos produtores cajazeirenses que viam a possibilidade de expandir os seus negócios. Ao mesmo tempo, o município também se beneficiava fortalecendo o seu comércio, a produção e a venda dos seus produtos. Isso era importante para um centro em processo de urbanização, com o desenvolvimento a todo vapor e não seria a toa que Cajazeiras começou a ganhar notoriedade na Paraíba pelo seu comércio promissor.

A doação de terrenos pelo poder municipal era muito comum na época, e ainda é nos dias atuais, principalmente para estabelecimentos que pudessem beneficiar a população. Por exemplo, para fins educacionais, teve o caso da doação do terreno para a construção do Colégio Nossa Senhora do Carmo pertencente à professora Carmelita Gonçalves da Silva. O Projeto de Lei nº 37/66 de 17 de dezembro de 1966, concede um terreno de 70 metros de comprimento por 25 metros de largura à referida professora para a instalação de um colégio que mais tarde seria um dos mais tradicionais de Cajazeiras.

Outro estabelecimento de grande importância para a cidade obteve a doação do terreno para sua construção aprovada através do Autógrafo nº 20/68, do Projeto de Lei nº 18/68, de 15 de outubro de 1968, que autorizou o Poder Executivo Municipal de Cajazeiras a adquirir e doar um terreno destinado à construção do Instituto Nacional de Previdência Social (INPS). Este órgão de ordem federal atende diariamente dezenas de pessoas sejam da zona urbana, da zona rural e também de cidades vizinhas que utilizam desse serviço para adquirir seus benefícios sociais.

Percebemos que a cidade de Cajazeiras cada dia ganhava mais com essas instalações em seus diferentes setores; a zona urbana crescia, a educação melhorava e o comércio se desenvolvia e atraía cada vez mais clientes.

Uma das primeiras cidades do interior da Paraíba a ter um serviço de telefonia urbano, Cajazeiras despontava com mais um sinal de progresso: o telefone. Assim como o sistema de abastecimento de água, a Companhia Telefônica de Cajazeiras foi criada durante os 30 dias que Chico Rolim assumiu a prefeitura como prefeito interino, mas só em 13 de março de 1967 o Projeto de Lei de nº 8/67 foi aprovado e dispôs da concessão para exploração e expansão de serviços de telefones automáticos pela Companhia Telefônica de Cajazeiras. Os objetos modernos causavam estranheza e desconfiança da população. Embora o telefone fosse um bem desejado por muitos na época, não foi fácil a sua instalação, pois nem todas as linhas foram vendidas. Talvez por desconfiança ou pelo poder aquisitivo do objeto, as vendas do pacote inicial só foram concluídas após as linhas serem ligadas, e sem demora as outras linhas foram vendidas.

Sem dúvidas o telefone é um marco da modernidade e do progresso eletrônico. Cajazeiras não demorou a adquirir essa novidade que beneficiou toda a população no começo de uma nova era que a informação foi se tornando essencial e, sem dúvidas, o comércio também recebeu esse impulso.

A modernidade em Cajazeiras, assim como em outras cidades, tinha o seu preço e nem sempre agradava a todos. Para a reforma do centro da cidade, alguns prédios e imóveis existentes tiveram que ser sacrificados em nome do embelezamento e da praticidade da cidade. O Autógrafo nº 68/64, referente ao Projeto de Lei de mesmo número de 23 de dezembro de 1964, dispõe sobre a desapropriação de prédios para alargamento da Rua Padre José Tomaz. Esse Projeto de Lei foi apresentado e aprovado durante o governo de Chico Rolim. Entretanto, apenas no governo de Antonio Quirino de Moura, prefeito posterior e apoiado por Chico Rolim, que o projeto foi colocado em prática.

O alargamento de ruas é bem comum nos processos de modernização urbana. Conforme apresentamos em nossa pesquisa, algumas cidades passaram por essas adequações e quando se tratava desses termos o progresso encontrava as suas barreiras pela frente. A desapropriação é a transferência compulsória da propriedade de bens móveis ou imóveis particulares para o domínio público, em função de utilidade pública, interesse social ou necessidade pública.⁹ Mas essa prática poderia não agradar os desapropriados que receberiam o valor financeiro como pagamento, pois estes perdiam os seus pontos comerciais e até mesmo as suas residências como trata o documento que é específico ao citar os pontos atingidos pelo alargamento.

A referida rua está localizada no centro comercial de Cajazeiras e é uma das principais artérias da cidade, que liga diversas ruas de fluxo intenso de trânsito de automóveis e pedestres. Esta rua também abriga parte do comércio local, além de ser um dos pontos da cidade que ainda podemos encontrar prédios tombados e preservados em sua estrutura que nos remete a uma Cajazeiras antiga.

A cidade moderna ganhou um ar de organização em todos os setores urbanos. Mais uma inovação veio através da aprovação do Projeto de Lei nº 18/67 de 04 de novembro de 1967 que estabelece a construção de calçadas nas ruas de Cajazeiras. Ficou determinado a partir desta data em que todos os imóveis novos e remodelados sejam construídas calçadas, principalmente nas ruas pavimentadas, estabelecendo assim um modelo padrão existente nos centros mais desenvolvidos, além de proporcionar aos cidadãos mais comodidade ao andar pelas calçadas da cidade.

⁹ DESAPROPRIAÇÃO. Disponível em: <<http://www.infoescola.com/direito/desapropriacao/>>. Acesso em: 11 fev. 2014.

Na década de 1960 já eram muitos os veículos automotivos a circular pela cidade, além dos que vinham de cidades vizinhas, ocorrendo um aumento significativo no trânsito. Então, surgiu a necessidade de organizar o trânsito, e a partir dessa necessidade foi criado um projeto de lei solicitando a implantação de sinalização do trânsito na zona urbana. O mesmo foi aprovado pela Mesa da Câmara Municipal no ano de 1967, um trecho do livro de autógrafos diz:

O Ante Projeto de Lei nº 14/67 de 28 de junho de 1967, autoriza o Prefeito Municipal de Cajazeiras a abrir crédito especial até a importância de NCr\$ 2.200,00 (dois mil e duzentos cruzeiros novos) para a finalidade de sinalização de trânsito urbano nesta cidade e dá outras providências (AUTÓGRAFO Nº 16/67).

Para o fiel cumprimento do serviço, o Prefeito ficou ainda autorizado a incumbir uma instituição local para administrar os serviços de modo que os mesmos viessem a ser realizados com real proveito para a coletividade.

A sinalização de trânsito é de extrema importância em um centro urbano, ela organiza a passagem dos transportes e também dos pedestres e previne uma série de acidentes causados pela falta de sinalização. Essa implantação veio para somar as obras realizadas por Chico Rolim em Cajazeiras e, sem dúvidas, foi de grande relevância para toda a população cajazeirense.

3.2- O EMBELEZAMENTO DA CIDADE

Quando pensamos em uma cidade moderna, logo nos remetemos à beleza que ela pode conter, imaginamos as obras feitas pelos homens para torná-la ainda mais bela, as suas belezas naturais, enfim, tudo que transmite a exuberância urbana e que nos prende visualmente aos seus encantos.

Sobre a expressão da urbanização moderna Bresciani (2007) esclarece:

Urbanizar e conferir um aspecto moderno, regular o presente e prever as demandas futuras. Tal foi à intenção dos vários planos de intervenção nas cidades. Traçado de ruas, abertura de novos bairros, zoneamento, adoção de técnicas construtivas atualizados, estilos adequados para expressar visualmente a modernidade (BRESCIANI, 2007, p. 255).

Bresciani (2007) no texto acima expõe com propriedade o planejamento das intervenções urbanas nas cidades e enfatiza que a expressão do moderno é visual.

Assim sendo, é interessante que percebamos as mudanças ocorridas no meio urbano de nossa cidade, preocupando-se em demonstrar o processo de embelezamento da mesma. É necessário que entendamos também a intervenção do Poder Público, ou seja, a modernização da cidade a partir de um governo político, produzindo não uma exaltação de uma figura política, mas sim construindo a perspectiva de atuação desse gestor na modernização urbanística local para melhores condições de vida dos que nela estão inseridos.

Com ar interiorano, Cajazeiras é uma cidade acolhedora e de grandes belezas. Entretanto, algumas ações realizadas no Governo Chico Rolim vieram para complementar tal beleza e trazer melhorias para a sociedade.

Sem dúvidas, um dos mais bonitos cartões postais de Cajazeiras é o Açude Grande localizado no centro da cidade. Este apresenta um belíssimo pôr-do-sol e atrai diversas pessoas para apreciá-lo. Ampliado em 1915, o Açude Grande passou a ser utilizado de forma inadequada pela população e se tornou inapropriado para o consumo humano. O Governo Chico Rolim, preocupado com a higiene do açude, aprovou no Autógrafo 32/64 o Projeto de Lei de mesmo número, de 15 de julho de 1964, que dispõe sobre a limpeza geral do Açude Público desta cidade. Com fins de melhorar a estética e facilitar o consumo das suas águas, que até então abasteciam a população, se fazia necessário a higienização da água e das margens do reservatório para maior segurança de quem a consumia. Mesmo com esta limpeza, as águas do açude continuaram a ser poluídas, posteriormente inutilizando o seu consumo. Hoje, diante de um período de seca e estiagem, não podemos contar com tão grande reservatório que dispomos devido à grande quantidade de poluentes ali existentes. Mesmo em estado de poluição elevado, acredito que as águas do açude grande ainda poderiam ser reaproveitadas e melhoradas, além de continuar embelezando a nossa cidade.

Ainda em relação ao Açude Grande, outro ponto a ser destacado é a construção da escadaria. Aprovado, o Projeto de Lei nº 11/65 de 19 de julho de 1965 diz: "Dispõe sobre a

construção de uma escadaria denominada Zuza Garcia no paredão do açude grande local onde inicia a Rua Barão do Rio Branco em homenagem póstuma ao mesmo [Zuza Garcia] por ter sido primeiro habitante daquele logradouro" (AUTÓGRAFO Nº 11/65) A escadaria proposta pelo projeto acima mencionado serviu para dar ainda mais beleza para o açude grande e serviu também para facilitar o trajeto de pedestres que transitam para a zona norte da cidade.

As escadarias tem hoje grande relevância para os que praticam esportes como caminhada e corrida, todas as manhãs e tardes as escadarias ficam lotadas de pessoas se exercitando saudavelmente.

As praças são grandes aliadas da beleza de uma cidade. Cajazeiras possui belas praças e muitas foram construídas ou restauradas durante as administrações de Chico Rolim.

O Projeto de Lei de nº 14/65, de 19 de julho de 1965, dispõe sobre a remodelação da ornamentação, iluminação e jardinagem da Praça Nossa Senhora de Fátima. De grande importância para a cidade, podemos dizer que a Praça Nossa Senhora de Fátima é um local de tradição para a população Cajazeirense. Localizada no centro da cidade, esta praça foi construída em frente a Igreja Matriz Nossa Senhora de Fátima (antiga Catedral) há muitos anos e sempre foi muito bem frequentada pela sociedade desta cidade, principalmente nos domingos após a missa, levando em consideração que o catolicismo é a religião predominante em Cajazeiras.

A revitalização dessa praça contribuiu para o processo de embelezamento da cidade de Cajazeiras, pois percebemos que esse local funcionava (e ainda funciona) como ponto de encontro de pessoas, e que precisava de iluminação e de jardins adequados e também de boa aparência para atrair e servir de local de sociabilidade para os cidadãos.

Percebemos com a realização desses projetos, o interesse que Chico Rolim tinha em deixar a cidade bonita, limpa, organizada e moderna através de tais práticas consideradas modernizantes

3.3- AS MELHORIAS EDUCACIONAIS NA TERRA DE PADRE ROLIM

Cajazeiras é, em toda Paraíba, reconhecida pela sua estrutura educacional. Iniciada com o Colégio de Padre Rolim, o sistema educacional cajazeirense vive hoje o seu apogeu, pois dispõe de uma vasta lista de instituições de ensino públicas e privadas que vão desde ensino fundamental até o ensino superior.

Um dos lemas da primeira campanha de Chico Rolim, a educação ocupou uma das plataformas de ação no projeto governamental na sua administração.

Na época, a cidade não dispunha de nenhum colégio municipal gratuito em nível de ginásio, obrigando as pessoas carentes a encerrarem os seus estudos no curso primário já que não possuíam recursos para continuar a estudar.

Um dos feitos que beneficiou grandemente a educação cajazeirense foi a encampação da Escola de Comércio Mons. Constantino Vieira, erigindo-a como colégio comercial do município. O Autógrafo de nº 3/66, de 15 de fevereiro de 1966, aprova o Projeto de Lei de mesmo número que dispõe sobre a encampação do referido colégio, tornando-o a primeira instituição de ensino gratuito municipal, pois até então o ensino nessa instituição era particular.

Vendo a necessidade que o município tinha de educação, o governo de Chico Rolim preocupou-se em suprir essa falta da população e tornou público o ensino no Colégio Comercial. Inicialmente foram matriculados 450 alunos e até o final do mandato já eram mais de mil alunos. Vale salientar que o colégio acima citado hoje é administrado pelo estado e matricula centenas de alunos todos os anos e se destaca pelo ensino de qualidade e competência dos profissionais que lá trabalham (DUARTE, 1988).

O colégio Comercial foi uma conquista, mas não suportava ainda um grande número de matrículas. Seriam necessários outros estabelecimentos para acolher a todos que quisessem seguir o caminho da educação. Chico Rolim empunhou essa luta para conseguir novos estabelecimentos educacionais para Cajazeiras e foi durante a sua administração que a EEEFM Professor Crispim Coelho, popularmente conhecido como Colégio Estadual, foi implantada. O governo municipal empenhou-se para conseguir o terreno e uma estrutura maior que a aprovada pelo Governo Estadual. Com esses dois educandários toda a população de Cajazeiras, principalmente os jovens, e das cidades da região foram beneficiadas com o acesso a educação. Podemos dizer que a educação também faz parte do processo de

modernização de uma determinada cidade, pois abre um leque de oportunidades, de mão-de-obra qualificada e de interação com o mundo moderno.

Poderíamos citar inúmeras escolas construídas por Chico Rolim na zona rural e nos distritos da cidade, pois durante o seu governo foram construídas mais escolas do que todos os governos passados, mas não nos convém adentrar as obras realizadas na zona rural do município, mas sim as realizadas na zona urbana e que contribuíram para o crescimento da cidade.

No tocante a construção de escolas na zona urbana, podemos citar o seguinte caso: O Projeto de Lei de nº 10/64, de 17 de junho de 1964, aprovado no Autógrafo de mesmo número, autoriza o Poder Executivo a construir um "Grupo Escolar" no Bairro Belo Horizonte desta cidade. A referida escola recebeu o nome de Matias Duarte Rolim, porém foi construída na localidade do Bairro dos Remédios e hoje funciona com o ensino que vai do Infantil ao Fundamental, beneficiando a população daquele bairro e dos bairros vizinhos.

Vale salientar que o nome dado a escola, é o nome do pai de Chico Rolim. Essa prática é bastante utilizada entre os políticos, colocar o nome de algum parente ou amigo nas obras realizadas durante o seu governo.

A administração de Chico Rolim também se preocupou em ajudar financeiramente as escolas que já existiam. Em 09 de agosto de 1965 o Projeto de Lei de nº 09/65 foi aprovado e dispôs da subvenção de Cr\$ 20.000.00 (vinte mil cruzeiros) para a Escola Profissional Duque de Caxias. Essa ajuda era mensal e muito ajudou aquela instituição, pois a mesma nada cobrava aos estudantes para fazerem os cursos profissionalizantes que lá eram oferecidos.

Outro ponto positivo para a educação do município foi os aumentos salariais concedidos pelo governo de Chico Rolim, que deu mais motivação a classe trabalhadora. No Autógrafo de nº 10/67, que aprovou o Projeto de Lei nº 9/67 de 15 de maio de 1967, concede aumento de 25% (vinte e cinco por cento) sobre os vencimentos aos servidores públicos municipais ativos e inativos. Logo, os funcionários da educação, que é o nosso foco, também receberam tal aumento.

A partir da análise desses documentos, podemos verificar que novos projetos urbanos foram concretizados na cidade de Cajazeiras durante a gestão de Chico Rolim, de modo que o desenvolvimento da mesma era inevitável. Vale ressaltar, no entanto, que uma boa administração não é mais do que a obrigação daquele que foi eleito pelo povo para representá-

lo. Isso deve ser apenas uma consequência da confiança que a soberania popular lhe concedeu. Por fim, entendemos também que a modernização urbana que chegou à cidade de Cajazeiras, na administração de Chico Rolim (1964-1969), além de impulsionar a transformação do espaço urbano, despertou nos cidadãos um sentimento de modernidade que os fazia se sentirem modernos ao viverem em uma cidade dita moderna. Assim, nos anos de 1960, Cajazeiras passou por um processo de modernização que promoveu melhorias urbanas e inseriu a cidade na modernidade da época. Portanto, nesse contexto, defendemos que o desenvolvimento urbano de Cajazeiras é resultado das ações políticas de seus gestores e das experiências que delas decorrem, quando os cajazeirenses vivenciam a modernidade.

CONCLUSÃO

Durante a nossa pesquisa percebemos que, à luz de acontecimentos que marcaram a modernização urbana de centros mundiais como Londres, Paris, Rio de Janeiro, São Paulo e Recife, podemos entender como o progresso chegou a Cajazeiras. Não somente a partir dos ideais de beleza que inspiravam cidades, mas também por contar com o impulso de um governante sintonizado com o processo de modernização mundial ocorrido até aquele momento para realizar feitos semelhantes em prol da "terra do Padre Rolim".

Notamos um histórico de desafios enfrentados pelo então prefeito Chico Rolim. Eram muitas as dificuldades da época e a carência enfrentada pela população, que não dispunha de saneamento básico, pavimentação, iluminação e, mesmo, educação pública. Entretanto, percebemos também que ele viu no seu governo a oportunidade de escrever o seu nome na história de Cajazeiras, de modo que ele fosse lembrado por muito tempo. E sabemos que a construção dessa imagem de modernizador está cristalizada na memória das pessoas.

É impressionante olhar para trás na história e ver a Cajazeiras da década de 1960 com o aspecto provinciano anteriormente descrito. E compará-la com a imagem atual de uma das cidades mais prósperas da Paraíba, que continua crescendo e atraindo pessoas de outros pólos pelo seu comércio diversificado e pela educação que oferece. Conta com diversos centros de ensino superior que comportam não somente os cidadãos cajazeirenses, mas também muitos outros que vêm dos estados do Ceará, Rio Grande do Norte, Pernambuco, entre outras partes do país.

É claro que nenhuma cidade já nasceu urbanizada. Houve todo um processo histórico de transformações que proporcionaram essas modernizações, desde Paris a Cajazeiras. O progresso quando se instala vai atraindo novos recursos e o desenvolvimento vai acontecendo paulatinamente. As pessoas do campo vão migrando para a cidade, ali se instalando em busca de melhores condições de vida. O comércio vai crescendo, porque precisa suportar a necessidade local e oferecer o seu produto para outros centros, para que o capital circule mais livremente proporcionando maiores lucros. As pessoas vão se inserindo na educação, que mais e mais precisa ser aprimorada, e mais espaço precisa oferecer para comportar a todos. Assim como a marginalidade também cresce, porque ao passo que uns alcançam mais altos níveis sociais, outros vão ficando de fora, o que gera desemprego e miséria. E a violência e

criminalidade existem em qualquer sociedade, principalmente em uma que está crescendo e se modificando constantemente. Isso é uma consequência social do progresso.

Quando mencionamos o processo de urbanização de Cajazeiras, não podemos perder de vista o plano de fundo da época. O cenário mundial. As transformações que tinham acontecido recentemente em metrópoles mundiais e nacionais. É preciso entrar na história e buscar esses elementos que se completam, e chegar à conclusão que todas as sociedades se inspiraram em algum modelo para criar seus perfis modernos. Era preciso um exemplar de beleza e desenvolvimento para onde os olhos do mundo estavam voltados, admirados. E olhem que o mundo não era interconectado pela *Internet*, onde tudo acontece instantaneamente. As informações não circulavam com tanta rapidez e praticidade como hoje estamos habituados. Não havia esse fluxo de informações que vão e vêm a todo o momento. Isso é fruto da tecnologia, que só foi possível através do progresso que chegou a Cajazeiras. Este que passou a existir a partir da necessidade de modernização urbana da cidade, quando as estreitas ruas, que mais pareciam vilarejos, iam sendo abertas, asfaltadas e embelezadas para deixar passar as bicicletas e os primeiros automóveis que vinham chegando do sul.

Podemos afirmar que Cajazeiras teve o seu momento de modernização e de modernidade, pois ao mesmo tempo em que as inovações técnicas e tecnológicas surgiram, despertou também nos cidadãos um sentimento moderno de se orgulhar por viverem em uma cidade bonita e desenvolvida.

Essas transformações urbanas chegaram a Cajazeiras durante o governo de Chico Rolim e, a partir de então, a cidade não parou de crescer. Acreditamos que Chico Rolim contribuiu com a modernização de Cajazeiras e o seu governo foi de grande valia para o desenvolvimento da mesma.

Outras questões podem ser lançadas para este momento da história de Cajazeiras, informando interpretações variadas acerca da administração de Chico Rolim e da modernização cajazeirense. Nessa perspectiva, acreditamos que este trabalho pode ser desdobrado seguindo diversas linhas de pesquisas em torno da confluência entre a *História Urbana* e a *História Política*. Uma delas pode ser a articulação entre o governo de Chico Rolim e a Ditadura Militar, uma vez que sua primeira administração ocorreu durante o contexto de militarização da política brasileira. Outra possibilidade de aprofundamento da temática pode ser analisar a modernização local na chave de interpretação do processo de desenvolvimento nacional empreendido anos antes, no governo de Juscelino Kubistchek à

frente da Presidência da República (1956-1961), que resultou na construção de uma capital federal moderna, em 1960: a cidade de Brasília. Enfim, esses aspectos se configuram como perspectivas para a continuidade de meus estudos, sinalizando a possibilidade de outras problematizações e apontando para novas pesquisas.

REFERÊNCIAS

- BENJAMIN, W. *Paris: capital do século XIX*. Torino: Einaudi, 1986.
- BERMAN, M. *Tudo que é sólido desmancha no ar: a aventura da modernidade*. São Paulo: Companhia das Letras, 1982.
- BLAINEY, Geoffrey. *Uma breve história do século XX*. 2. ed. São Paulo: Fundamento Educacional, 2008.
- BOURDIEU, Pierre. A ilusão bibliográfica. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes (Coords.). *Usos & abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 183-191.
- BRESCIANI, Maria Stella. História e historiografia das cidades, um percurso. In: FREITAS, Marcos Cezar (Org.). *Historiografia brasileira em perspectiva*. 6. ed. São Paulo: Contexto, 2007.
- CHARLOT, Monica; MARX, Roland. *Londres, 1851-1901: a era vitoriana ou o triunfo das desigualdades*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1993.
- COSTA, Antonio Assis. *A(s) Cajazeiras que eu vi e onde vivi - Memórias*. João Pessoa: Progresso, 1986.
- DEL FIORENTINO, Teresinha Aparecida. *Utopia e realidade: o Brasil no começo do século XX*. São Paulo: Cultrix, 1979.
- DUARTE, S M. *Do miolo do Sertão: a história de Chico Rolim contada a Sebastião Moreira Duarte*. João Pessoa: GRAFSET, 1988.
- LEITÃO, D. *O educador dos sertões: vida e obra do padre Inácio de Sousa Rolim*. Teresina: Gráfica do Estado do Piauí, 1991.
- LEVI, Giovanni. Usos da biografia. In: AMADO, Janaína; FERREIRA, Marieta de Moraes, coordenadoras. *Usos & abusos da história oral*. 8. ed. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2006. p. 167-182.
- NEDELL, Jeffrey D. *Belle époque tropical: sociedade e cultura de elite no Rio de Janeiro na virada do século*. São Paulo: Companhia das Letras, 1993.
- PESAVENTO, Sandra Jatahy. *Memória, história e cidade: lugares no tempo, momentos no espaço*. *Artcultura*, Uberlândia, v.4, n.4, p.23-35, jun. 2007.
- PIRES, Heliodoro. *Padre Mestre Inácio Rolim: um trecho da colonização do Norte brasileiro e o Padre Inácio Rolim*. 2. ed. Teresina, Gráfica Estado do Piauí, 1991.
- RAMINELLI, Ronald. História urbana. In: CARDOSO, Ciro Flamarion; VAINFAS, Ronaldo (Orgs.). *Domínios da história: ensaios de teoria e metodologia*. Rio de Janeiro: Elsevier, 1997.

REZENDE, Antonio Paulo. *Desencantos modernos: histórias da cidade do Recife na década de vinte*. Recife: FUNDARPE, 1997.

ROLIM, Eliana de Souza. *Patrimônio arquitetônico de Cajazeiras - PB: memória, políticas públicas e educação patrimonial*. João Pessoa, 2010. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal da Paraíba.

SEVCENKO, Nicolau. *Orfeu extático na metrópole: São Paulo, sociedade e cultura nos frementes anos 20*. São Paulo: Companhia das Letras, 1992.

TORQUATO, Arthur Luis de Oliveira. *O plantador de cidades e a criação do espaço moderno: a construção de uma Natal moderna na administração Sylvio Pedroza (1946-1950)*. 2011. Dissertação (Mestrado em História) Universidade Federal do Rio Grande do Norte.

WEBER, Eugen Joseph. *França fin-de-siècle*. São Paulo: Companhia das Letras, 1988.